

Z C B E D I T A R N o 5 Y U I O L H J K
D L Ç L J H S T O P I I J K P O O R S T
D H T A T U A G E M N I I I O F R T A J
L O P Ç S M N D G S U O E P A Q L O I I
N C H E I R O D E L I V R O N O V O W
E I M O D A J K L O P Ç E N T I D L A I I
M F R I R E V I S Ã O N U L E M T R O
O Ç Õ E S M U L H E R E S M Õ P T A W
L O P L E I A M A I S Ô M I C D P L Y T
U D O C A M P O E D I T O R I A L T M
L I I R O L E T R A S D L O P R E S P I
L I J E M P O D E R A M E N T O Â N O
T L O G C Á R T E S I I M O N U M E N
K I Y S O C I E D A D E M O R A M O N
O L A L I T E R A T U R A L Ç P O V M
E N C L A F O T O G R A F I A M I L P A
N I T O C E F E T M G A N U O P S C L
A S N I M G M I N A S G E R A I S M O
A s C U R A D O R I A K L O P P E R I
S M J U T L P S Ç A F R I P S C M O K
M U D U O S C O M S S I E N T Y S I I A

N J I O P S Ç P O R I W Q M Y S Z C B
L P O E S I A N F O P R M A X D D L Ç
O P S Ç H D I R M B K L P O U S D H T
N A S O P L H C O S T U R A K L O P Ç
Ü R A D E S I G N L Ç P I O O R N C H
M U R D A R T E C O M K L O P E I M O
S E D I T O R A B E S T R O L I S M F R
C H P R O F I S S Ã O P R E I M O Ç Õ
R E S I S T Ê N C I A K O L I P O L O P
T R O E D I Ç Ã O R S P O N T I R U D Ç
E C O N S T R U Ç Õ E S F A M P L I I R
R T E I M A C H I S Z X H Ã K O I L I J
T U R A M O L S I D E T A M O R T L O
R P O R T N G U A L K P O R T S K I Y
O H O R I Z O N T E N H U M Ç P O L A
R A T V U R E N S A I O N U M I E N C
R A N M B R O S F Ó L I D O M E N I T
F I C A N D P O R T O N C I L R T A S N
A N D F O R U A A S C O I P T R A S C
T M C R Í T I C A M A O M F O P S M J
I E N T A N T O S V E R B S O S M U D

editor

Letras - Tecnologias da Edição - CEFET / MG

FICHA TÉCNICA

Editar - Revista dos alunos do curso de Letras - Tecnologias da edição CEFET-MG

Número 5 - Belo Horizonte - MG

© dos autores

Edição online

Ano 2017

Contato: Departamento de Linguagem e Tecnologia do Curso de Letras

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Av. Amazonas, 5253, sala 338, Nova Suiça, CEP 30-421-169 - Belo Horizonte - MG

E-mail: revista.letrascefet@gmail.com

Editor Responsável: Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva

Projeto Gráfico e Projeto Editorial

Yasmine Evaristo, Érica Navarro, Karine Fontes, Luiza Santana, Débora Moraes, Priscila Cemis e Letícia Rosa

Revisores

Gustavo Batista Dias, Richard Pereira Saraiva, Domingos Antônio Zatti Pinto da Silva, Thiago Florêncio, Luciano de Oliveira Campos, Ana Cavalcanti, Milene Magalhães, Ana Clara Duarte de Souza, Ian Meneses, Gabriel Henrique de Castro Souza, Gabriella Batista, Letícia Rosa.

Capa e arte das seções

Yasmine Evaristo

Editorial

Priscila Cemis

Diagramação

Érica Navarro e Priscila Cemis

Biblioteca CEFET MG Campus I



EDITORIAL

Chegamos com a Editar número 5. O número cinco que, em grafia arábica, possui cinco ângulos retos formando um símbolo, que coincidentemente escritos em português brasileiro contam também com cinco letras. Ímpar, grandezas matemáticas que não cabem em pares, parece que a conta não se soma, são números que vez ou outra sobram, são esquecidos e despencam. As cinco vezes em que ouvimos **“não foi desta vez”** ou **“fica para a próxima”**, sabendo que a próxima depois sempre será par, e que novamente não será a sua vez. Isso quando você sente que nesse mundo, você é ímpar.

É um número que se fosse gente, seria mulher carregando uma trouxa de roupas na cabeça, recebendo 50 centavos a cada peça. Uma vez me perguntaram:

“como sabemos que um número é ímpar?”, muito simples, “quando ele não é par”. Número que só se define quando não é.

Quando ele não pode. Quando ele não consegue, Quando ele é agredido, impedido, inibido, coibido. Quando ele vira ela.

Isso, aí sim! É neste exato momento de transformação que cada grau de todos aqueles 90 se completam, até que uma das arestas do número cinco, passe a fazer sentido. É exatamente aqui onde estamos, na ponta de uma das arestas, tentando fazer sentido ou tentando pagar um pouco mais do que 50 centavos a uma lavadeira.

Nesta edição buscamos o que “sobra”,

como aquele colega sempre ignorado nos trabalhos em dupla, pois eles dizem,

**“dois mais dois são quatro”,
“é uma soma perfeita”,
“eu disse dupla de dois e não de três”,
“dois iguais não se reproduzem”,**
ou quando insistem que **“sua beleza é exótica”,
“prefiro seu cabelo alisado”,
“você é bonita demais para ser gorda”**.

São todas as formas de dizer que **“você não vai conseguir”**.

E esta sobra, muitas vezes não é exatamente algo que não coube em um contexto, mas sim, em nosso olhar seletivo atrelado à uma falsa memória daquilo que deve ser bom e aquilo que deve ser certo, apontando direções que nos levam a lugar nenhum.

Pedimos, olhe uma outra vez. Como um caçador ou caçadora de palavras, procure outro ponto onde as arestas se formam.

Deixe de lado a perfeição, a simetria dos pares para que uma nova visão possa ser formada em seu horizonte.

Vai uma dica: um bom caçador ou caçadora é meticoloso, inteligente e assim nos propusemos ser, mas fomos apenas até o limite em que quem dispara o gatilho é você.

Boa leitura!

Equipe Editar

SUMÁRIO

DEPOIMENTOS

Elaine Timm 9
Alana Rodrigues 10
Ive Lima 11

DOSSIÊ

Uma mulher que publica 13
Priscila Cemis

Adotando a Linguagem 18
neutra de Gênero
Paula Ribas

Costuraz da Edição 22
Priscila Cemis

Estórias da Rua que foi Balsa 26
Vencedor do 29º Prêmio Jabuti com
Projeto Gráfico
Priscila Cemis

Prazer em conhecer 34
Marcelo D’salete
Lucas Ed. Guimarães

Curadoria na Pele 46
Yasmine Evaristo

O cinza por cima do arco-íris 50
Ana Clara Duarte

O desfile - manifesto do Séc XXI 54
Nora Huszti

Na área do Gol, impedida de chutar 57
Jéssica Moreira

Fale delas 58
Thais Campolina

Onde estão as mulheres nas nossas 60
referências
Thais Campolina

Conselho 62
Gabriel Henrique de Castro Souza

SEÇÃO LITERÁRIA

Sinfornia do Centro 65
Randle Brito

“Você quer saber algo novo sobre o 71
amor”
Randle Brito

Recém - nascida preta 72
Jéssica Gomes

Suíte Lunar para um Deus Caolho 74
Randle Brito

Suíte do amor em paz 75
Randle Brito

Baile com o Tinhoso 76
Yasmine Evaristo

O homem que vê 77
Junio M. Lourenço

Nus 82
Luiz Fernando Bellini

Cara moça da recepção 83
Camila Freire

A

E

D

I

↶

↷

A R E D I T A R E D I T A
R E D I T A R E D I
E D I T A R E D I T A R
A R D E P O I M E N T O S
T E D I T A R E D I T A R
R E D I T A R E D I

ELAINE TIMM

Escolhi cursar Jornalismo com 22 anos. Estava mais motivada pela possibilidade de trabalhar escrevendo sobre histórias reais, do que por qualquer outra coisa. Não foi fácil fazer as pessoas do meu convívio entenderem que eu não estaria por trás de uma bancada, que eu não queria ser a Fátima Bernardes. Depois de formada, percebi que o território era estranho, segmentado e que era preciso ter um tanto de sagacidade para sobreviver como mulher no ambiente de uma redação, tudo o que eu não

tinha na época. E por não saber para qual direção seguir, acabei seguindo todas.

Em 2011, eu estava trabalhando no setor de marketing de uma agência de publicidade. Em 2014, ainda no marketing, encontrei o caminho das mídias sociais e a possibilidade de ganhar dinheiro com isso. Hoje, trabalho com mídias sociais e faço parte da ilha de criação em uma startup de marketing social, onde os projetos geram lucro para a sociedade.

“



Meu nome é Elaine Timm, trabalho como social media, tenho 30 anos, gaúcha de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Não exerço a função da minha graduação, mas não larguei da Comunicação. A escrita ainda me motiva.

ALANA RODRIGUES

Meu nome é Alana Rodrigues Ribeiro, 27 anos, natural de Pavão-MG, residente em Belo Horizonte-MG desde 2008, advogada desde 2014. Durante a faculdade de Direito desenvolvi o interesse pela área criminal, e atuei em Núcleo de Atendimento às Vítimas de Crimes Violentos. Após a formatura, atuei em Associação e programa estadual que lidava com inclusão e auxílio jurídico de pessoas egressas do sistema prisional; laborei em escritório advocatício criminal, e hodiernamente, sou advogada de Unidade Socioeducativa.

Diante de toda a trajetória na área

criminal, tive e ainda tenho dificuldades de lidar com o machismo impregnado nas instituições. Quase o tempo todo, preciso me impor como mulher, demonstrar que não concordo e não posso ser representada pela ideologia discriminatória do “sexo frágil”. Perdi o número de vezes em quais homens me pediram para sair de suas salas de trabalho, enquanto eu acompanhava um flagrante; em que tive de acionar prerrogativas da OAB; em que minha fala crítica e legítima foi interpretada como histeria, “típica de mulheres”; em que me senti constrangida ao ir em penitenciárias e ser observada de forma vulgar.



Pessoas que conheci me disseram que a área criminal não são para mulheres, que é muito agressiva, que melhor seria, a área civil, especialmente a de família. Será mesmo?

IVE LIMA

Se eu nascesse na Idade Média, certamente teria ardido em alguma fogueira: canhota, subversiva por natureza, não me encaixo nos padrões socialmente aceitos. Dados os estereótipos do século XXI, preciso marcar os três traços da minha identidade: sou gorda, negra, nordestina. Meu nome é Ive Lima, baiana da gema, nascida em Salvador.

Minha trajetória acadêmica e profissional é marcada por olhares que me disseram desde muito cedo que eu não pertencia àquele local. Foi assim na escola particular de classe média alta que estudei no Ensino Médio, nas faculdades de Administração e Publicidade que não concluí, nos primeiros empregos que tive, associados a esta área profissional.



Encontrei meu espaço de luta e resistência na área de Educação. Sou pedagoga, atuo na rede pública municipal e sou poetisa amadora, por paixão, com sonho de publicar meus versos e escritos “tortos”. Uso minha voz e meu exemplo nos espaços em que atuo, para que outras mulheres conquistem seu espaço e fortaleçam sua identidade.

A

M

D

I

↶

↷

A R E D I T A R E D I T A
R E D I T A R E D I
E D I T A R E D I T A R
A R E D I T **D O S S I Ê** A
T E D I T A R E D I T A R
R E D I T A R E D I



UMA MULHER
QUE PUBLICA

FOTO: PAPEL/CULA

ENTREVISTA Flávia Perét

UMA MULHER QUE PUBLICA

Priscila Cemis

FLÁVIA PERÉT é professora, escritora e editora independente residente em Belo Horizonte. Autora de “A imprensa gay no Brasil”, pela Publifolha e de produções independentes de poesia como “Dez Poemas de amor e de susto”, “A outra noite”, “Novelinha”, e o seu trabalho mais recente “Uma Mulher”, nos conta um pouco sobre sua atuação em vias alternativas. Com uma linguagem simples, concisa, muitas vezes agressiva e encantadora, Flávia e Uma Mulher são a prova de que os rumos da publicação independente em Belo Horizonte estão se tornando cada vez mais claros.



FOTO: PAPELÍCULA

Edr - Recentemente você lançou o livro Uma Mulher em parceria com o Estúdio Guaybo. Conte-nos um pouco sobre o processo de criação e produção do livro.

FP - Uma mulher é um poema de 120 versos em formato de lista. A escrita da primeira frase desta lista aconteceu um dia, à noite, escrevo bastante à noite, antes de dormir. Não me lembro agora qual foi a primeira frase, talvez “Uma mulher cansada”, que é como quase sempre me sinto à noite. Gostei, ao ver as palavras escritas no papel, centralizadas no meio da página, do efeito e do sentido no papel. Algo que é da ordem do banal, do completamente ordinário, comum a milhões de mulheres espalhadas por todos os cantos do mundo, mas que ali, escrita no meu caderno e por mim, dizia respeito exclusivamente à minha

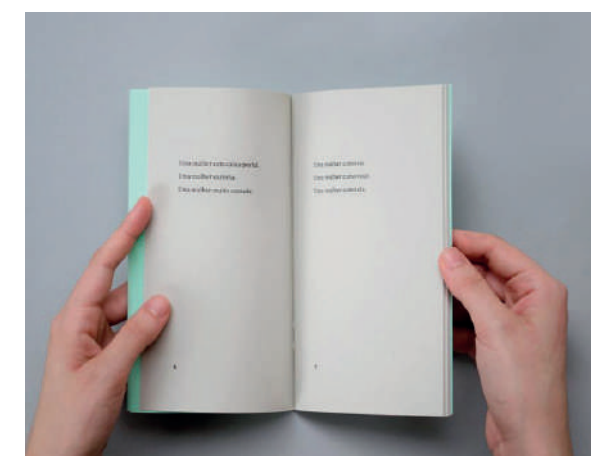
experiência. Pensei, vou fazer uma lista (eu adoro fazer listas e tenho vários poemas assim) só de modos de ser mulher, estados de ser, coisas que nos acontecem, como nos sentimos ou como não sentimos, basicamente frases com ações simples, com verbos diretos, pouco poéticas no sentido do lirismo tradicional da poesia. Daí a lista foi crescendo, crescendo, crescendo e eu queria muito publicá-la de forma simples, como faço quase sempre, um zine xerocado, mas, paralelamente estava dando aula para a Valquíria Rabelo –que conheço há mais de 10 anos e que além de escrever – é designer. Ela tem um trabalho maravilhoso junto ao coletivo de design que ela integra – o Estúdio Guayabo. O trabalho da Val é super bem feito, cuidadoso e criativo. Fiz a proposta indecente: Val, vamos fazer um livro juntas? Ela aceitou na hora

e quando entrou no projeto, Uma Mulher – que era para ser uma coisa simples – se transformou em outra coisa, mais “profissional”, impresso em gráfica, com ISBN e ficha catalográfica. Depois, porque não conseguia colocar um ponto final nesta lista infinita de modos de ser/estar e não ser/estar mulher, conversando com um outro amigo (Tande Campos) surgiu a ideia de fazer o projeto **umamulher.org**.

Edr – Este projeto seria uma outra versão do livro?

FP – Sim e não (risos). **umamulher.org** é uma plataforma que extrapola os limites

do livro impresso. Seguimos o conceito da simplicidade, porém com interação. O visitante irá encontrar as frases do livro, porém com o diferencial da ferramenta randômica, que a cada clique, entrega uma formulação diferente das frases, aumentando as possibilidades. Foi bem legal perceber a reação das pessoas nas redes sociais. Com isso, Uma Mulher são dois livros em um: tem o livro físico – foram impressos 200 exemplares, a capa foi impressa em risografia no papel de seda (o que deu muito trabalho!) cortada, uma a uma com estilete pela Val (o que deu MUITO trabalho) e o livro expandido na internet.



Fotos: Esther Azevedo (Estúdio Guaybo)

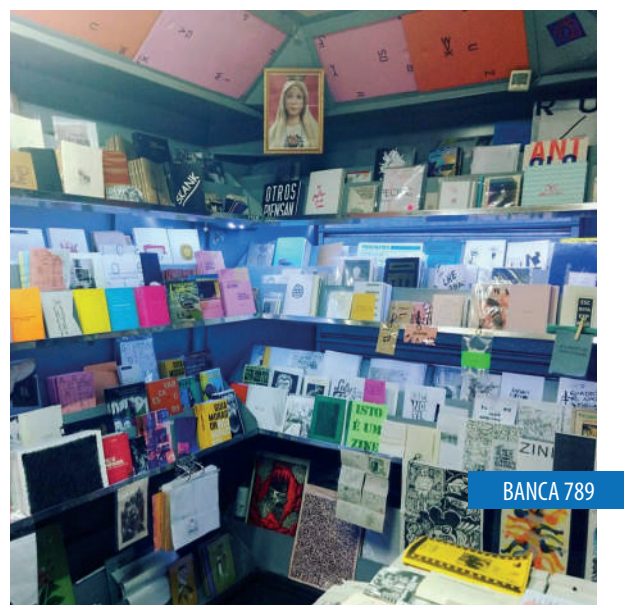
Edr– Quais as maiores dificuldades de se publicar hoje em Belo Horizonte?

FP - Não vejo dificuldade de se publicar em Belo Horizonte. Publicar não é difícil. No limite da falta de recursos, você pode fazer um livro em casa e fazer as impressões em xerox, por exemplo. BH tem várias editoras pequenas e outras não tão pequenas assim que conseguem publicar livros excelentes, tanto do ponto de vista visual/gráfico quanto do conteúdo. Temos tanto escritores muito bons, como editoras e designers. O problema de estar em Belo Horizonte ainda continua sendo, infelizmente, nossa invisibilidade. Existe uma bolha local – composta por editoras, escritoras, iniciativas legais que eu admiro bastante – mas para além dessa bolha, não conseguimos levar nossa produção para fora. Bom, eu ainda não consegui. Pode ser uma próxima meta, quem sabe, fazer um lançamento em SP ou no Rio. No caso de Uma Mulher, teria que fazer uma segunda edição, o que pode ser bem legal...

Edr – Como educadora de linguagens e literatura, como foi sua participação na concepção e construção do livro impresso?

FP - Este é o primeiro livro que faço com uma designer. Geralmente, faço TUDO sozinha – do projeto gráfico à impressão e acabamento e depois vendo também

nas feiras. Uma Mulher foi diferente, Val trouxe tanto qualidade ao projeto como certo profissionalismo. Conversávamos muito, o tempo todo sobre todas as escolhas, mas o projeto gráfico é 100% dela, a decisão de imprimir no papel de seda, o conceito que ela pensou com a escolha do material. Dessa vez eu acompanhava, admirava (!) e aprovava.



Edt – Como está sendo a recepção do livro e sua temática?

FP - Muito legal. A tiragem está acabando. Tenho apenas 10 exemplares comigo e a Val – que comercializa o livro pela loja do Estúdio Guayabo também tem apenas 10. Muitas pessoas se interessaram, estamos mandando o livro para vários lugares do país. As mulheres se identificam e ficam curiosas, acho que o site (umamulher.org) acabou funcionando como estratégia de divulgação. Não foi uma coisa pensada, mas aconteceu e fico muito feliz.



Não vejo dificuldade de se publicar em Belo Horizonte!"

Edr – Seu livro foi lançado e é vendido na BANCA, mais uma pontinha do mercado independente na cidade, como aconteceu essa parceria?

FP - Eu conheço a Paula Lobato – uma das idealizadoras da BANCA há muito tempo e sempre ficamos pensando numa parceria. Acho muito legal existir na cidade um espaço – exclusivo – para as publicações independentes. Um dia conversando, falei que ia lançar um livro novo e que queria lançar lá, porque tinha tudo a ver: todos independentes! E ela, Lucas, Otávio o grupo todo gostou da ideia. Foi lindo!

Edr - Parafraseando o seu trabalho, como você se definiria agora neste momento "Uma mulher..."?

FP - Uma mulher que não sabe todas as respostas.



FOTO: PAPELÍCULA

ADOTANDO A LINGUAGEM NEUTRA DE GÊNERO

Texto publicado originalmente na revista Coragem, da empresa de consultoria em tecnologia, Thoughtworks

PAULA RIBAS

Em uma empresa de tecnologia (ThoughtWorks), em 2015, passou-se a usar "desenvolvedoras/es" em todos os anúncios de vagas, como uma tentativa de deixar o texto mais inclusivo. A mudança teve um impacto imediato: muitas manifestações positivas, principalmente de mulheres desenvolvedoras, que se sentiram mais incluídas e representadas do que geralmente se sentem quando se deparam com vagas para "desenvolvedor". Na paralela, um email sobre linguagem neutra de gênero deu início a uma discussão interna sobre qual seria a melhor ou mais inclusiva forma de se referir a um grupo de pessoas ou até

mesmo a uma pessoa só, sem para isso precisar enquadrá-la em um gênero específico. E como resultado dessa discussão, mudamos novamente o texto das nossas vagas: "procuramos pessoas desenvolvedoras de software".

Também recebemos muitas manifestações positivas depois dessa segunda mudança. E o impacto da discussão não foi somente no texto das vagas. Internamente, a discussão que se iniciou por email cresceu, ganhando momentos para debates nos escritórios e dando origem a um guia para uso da linguagem neutra.

O QUE AFINAL É LINGUAGEM NEUTRA DE GÊNERO E PORQUE ELA É IMPORTANTE?

A linguagem neutra de gênero é uma forma de comunicação que procura superar a binaridade entre feminino e masculino, usando para isso a neutralidade para se referir às pessoas. A linguagem binária de gênero — mesmo quando usamos a forma feminina e a masculina juntas — não é representativa para todas as pessoas, porque existem pessoas que não se identificam com os gêneros feminino e masculino.

Na língua portuguesa, além de não existirem alternativas neutras, por exemplo quando usamos pronomes pessoais na terceira pessoa (eles, elas),

o gênero masculino é dominante em relação ao feminino. Por padrão, quando nos referimos a grupos de pessoas que incluem homens e mulheres, usamos a forma masculina.

Usamos por padrão também formas masculinas para nos referirmos a pessoas de gênero desconhecido. Quando nos dirigimos a quem está lendo um texto, por exemplo, é comum usar "leitor", "se você ficou interessado" etc. Em geral, só usamos formas femininas para nos dirigirmos a públicos-alvo especificamente femininos, reforçando estereótipos de gênero, como pode-se observar nos exemplos abaixo.

Link original:

<https://medium.com/coragem/adotando-a-linguagem-neutra-de-g%C3%AAnero-e509e6e4e06c>

Resultados de busca no Google para: revista + “você está pronto”:

5 sinais de que você está pronto para começar um negócio ...
revistaepgn.globo.com/.../5-sinais-de-que-voce-esta-pronto-para-comeca...
4 de mai de 2015 - revista · Dia a dia; > empreendedorismo. Tamanho do texto A - A +.
5 sinais de que **você está pronto** para começar um negócio. Está em ...

Teste: Você está pronto para utilizar a tecnologia na ...
revistaescola.abril.com.br/testes/tecnologia-educacao.shtml
Você está pronto para utilizar a tecnologia na Educação? Google Play Veja outras assinaturas de revistas impressas e digitais, clique aqui. O jeito mais ...

Você está pronto para ser chefe? - EXAME.com
exame.abril.com.br/carreira/quizzes/voce-esta-pronto-para-ser-chefe
25 de ago de 2012 - ... Brasil Post · Casa.com · Planeta Sustentável · Revistas e sites ...
... **Você está pronto** para ser chefe? Faça o teste e descubra se você tem as ...

Você está pronto para empreender? - EXAME.com
exame.abril.com.br/pme/quizzes/voce-esta-pronto-para-empreender-2
14 de jan de 2011 - Revistas e sites · Assine · Clube · SAC · Grupo Abril ...
... **Você está pronto** para empreender? Confira se você sabe diferenciar os mitos e ...

Você está pronto para escolher uma profissão? Faça o teste ...
www1.folha.uol.com.br/.../1686435-voce-esta-pronto-para-escolher-uma-p...
27 de set de 2015 - A psicóloga Carolina Ribeiro B. de Sousa desenvolveu especialmente para a Folha um questionário para saber se **você está pronto** para ...

Resultados de busca no Google para: revista + “você está pronta”:

Você está pronta para namorar? - Testes - CAPRICHÔ
capricho.abril.com.br › Home › Testes
26 de mar de 2012 - Por que você quer ter um namorado? Para poder compartilhar a minha vida com alguém legal. Ah, pra ter companhia, dar uns beijinhos.

Teste: você está pronta para casar? - Revista Bella Noiva
revistabellanoiva.oficinadamoda.com.br › ... › Preparativos
Desde o início do namoro, você: Sonha em ter sua casa ou apartamento com o seu futuro noivo; Você sempre pensou no futuro do casal; Você sempre esperou ...

VOCE ESTÁ PRONTA PARA AS FESTAS? - Revista Mais
www.revistamais.com/materias/voce-esta-pronta-para-as-festas
16 de dez de 2015 - E DEZEMBRO CHEGOU! MUITAS FESTAS, confraternizações, amigos, familiares, presentes, viagens, abraços, beijos e muitas, muitas fotos!

Você está pronta para radicalizar no corte? - Corpo a Corpo
corpoacorporo.uol.com.br/testes/testes/voce-esta-pronta-para...no.../3664
Revista Digital ... Tags **você está pronta** para radicalizar no cortestes da Corpo a CorpoCorpo a Corpo OnlineRevista Corpo a Corposite da revista Corpo a ...

Você está pronta para um novo amor? | Guia Astral
guiaastral.uol.com.br › Home › Testes
8 de dez de 2015 - Matérias Extras · Edições Anteriores · Índice da Revista · Compre já! Guia Astral de Fevereiro de 2016. "JOÃO, estou namorando um amigo há ...

COMO ADOTAR A LINGUAGEM NETRUA DE GÊNERO?

Não existe um guia definitivo ou um manual a ser seguido para a adoção da linguagem neutra. É um exercício de buscar formas alternativas para formular frases que nos acostumamos a usar, quase sempre, no masculino.

No entanto, algumas dicas práticas podem ajudar.

Para substantivos usados da mesma forma no masculino e no feminino, evite usar artigos ou pronomes que determinem gênero.

Nossos clientes » Clientes da empresa

Os líderes da empresa » Líderes da empresa (ou as lideranças da empresa)

Osparticipantes do evento » Participantes

do evento (ou as pessoas participantes / que participaram do evento)

Para substantivos que variam de acordo com o gênero, use “pessoas”.

Desenvolvedores » Pessoas desenvolvedoras / que desenvolvem

Funcionários » Pessoas que trabalham na empresa

Executivos » Pessoas executivas / em posições executivas

Para se referir a grupos de pessoas, procure por formas alternativas de representar o grupo.

Os diretores » A diretoria

Os coordenadores » A coordenação

Os deputados » O Congresso / A Câmara

Para se dirigir a quem está lendo um texto, pense em alternativas que não definam gênero.

Você está pronto? » Você é uma pessoa pronta / preparada?

Ficou interessado » Tem interesse? / Interessou-se?

Mantenha-se atualizado » Continue se atualizando

E SE O TEXTO SOAR ESTRANHO?

Por sermos pessoas tão acostumadas a usar os padrões da linguagem binária predominantemente masculina, é comum que as alternativas apresentadas para o uso da linguagem neutra soem “estranhas”. Mas não é estranho também o fato de usarmos formas masculinas

MAS PORQUE NÃO USAR X OU @?

O “x” e o “@” na grafia das palavras não são pronunciáveis, o que limita seu uso à linguagem escrita e os torna não acessíveis para pessoas com deficiência visual. Além disso, o fato de não terem impacto na linguagem oral não promove uma real transformação na forma de nos comunicarmos.

para nos referirmos a pessoas que não se identificam com o gênero masculino? O que é mais estranho? Talvez seja necessário repensar nossos padrões e mudar nossa forma de olhar para a língua e para a linguagem.





COSTURAZ DA EDIÇÃO

Foto: Maxwell Vilela

LOLITA **AZ** AVESSAS

COSTURAZ DA EDIÇÃO | Priscila Cemis

Não é de hoje que as linhas de costura e os papéis se cruzam à nossa vista. Muitos são os livros que as carregam nas amarras de suas folhas. Historicamente, a costura é revolucionária, proporcionou grandes avanços para uma humanidade que aprendeu a se mostrar por aquilo que usa no corpo, fazendo com que a vestimenta perdesse o caráter de tapar um instrumento ainda frágil, para se tornar um discurso, “uma ferramenta de comunicação, um grito” – Lorena Santos.

Lorena é designer de moda, proprietária e idealizadora da grife Lolita Az Avestas, uma marca que pensa fora da caixa e atende, mais do que clientes, as peculiaridades de cada um. Inspirada em memórias de família, como ela relembra de Vovó Elza, uma senhora muito bonita e criativa ao se vestir, Lorena adota uma postura em que a moda está à serviço de seus ideais.

Ainda que combatida, julgada e subestimada, é somente na arte que conseguimos nos entender e nos expressar, como em um eterno ciclo. Quando transportamos nossas mais íntimas ideias para a escrita de um texto ou no envolvimento de algum trabalho artístico, nos vemos diante de duas escolhas. Uma que passa única e simplesmente pela nossa forma de

expressar, em que não envolvemos praticamente ninguém além de nossa criatividade e nosso esforço e uma segunda via, em que precisamos envolver terceiros. É neste encontro que passamos a sobreviver da arte. E é também aqui que nos deslocamos para um espaço em que o dono é o desconhecido. Trabalhar e defender nossas ideias é um privilégio, pura e simplesmente pelo fato de que este “dono do desconhecido” tem a autonomia para decidir o que é bom ou o que é adequado em nosso trabalho.

Nas vias da edição, encontramos muitos apaixonados. Aqueles que têm taras pelo cheiro do livro velho, aqueles que escrevem compulsivamente até estarem cansados demais e prosseguem escrevendo, ainda que ninguém os leia, editores e escritores que querem e precisam publicar suas ideias, pensadas fora da caixinha. Em Lolita Az Avestas encontramos um discurso também apaixonado e planejado para chegar a algum lugar. Quando pensamos a edição, sabemos claramente que também existe um plano, um caminho para ser seguido. Muitas vezes, o mercado editorial não abre caminhos para discursos dirigidos por alguns escritores e é neste ponto que encontramos editores que publicam ideias, assim como Lorena.

PENSANDO FORA DA CAIXA

Vender a sua arte é algo utópico, muitos não conseguem se adequar ao modo como o mercado exige alguns posicionamentos. Tanto na moda quanto na publicação de livros, estamos lidando com a capacidade de exposição do artista. Afinal, se mostrar, vai além de posar para fotografias e selfies, já que as nossas ideias ultrapassam os limites do olhar. Dialogar sob um outro ponto de vista é arriscar, por exemplo, em 3 coleções temáticas para fortalecer o combate ao racismo, colocando mulheres em uma posição de poder, beleza e destaque, tornando-as protagonistas. Para Lorena, uma missão muito difícil, porém é o que, com muito orgulho, traduz a missão de sua marca.

Prezando por peças que oferecem muito mais que beleza, mas atitude, conforto, fazendo com que o ato de vestir seja libertário, Lolita Az Aveças dá uma aula de edição para um mercado (de forma geral e abrangente) que ainda não está preparado para acompanhar alguns posicionamentos que confrontam pensamentos enraizados nas pessoas. Uma atitude que inspira, uma lição para a vida.

Você encontra Lolita no Edifício Maleta, nas lojas Trecos e Afetos e Real Vandal, ambas no piso 2. Você também pode fazer seus pedidos online, pelas redes sociais da marca.

Facebook: lolitaAzAveças
Instagram: lolita_az_aveças



A minha história pessoal se confunde com a marca. Mas tudo passa pela minha chegada à Cultura Hip Hop e ao impacto que esse movimento gerou em mim, e quando fui para a academia eu já sabia que queria vestir aqueles corpos, construir uma identidade, contemplar as pessoas que vivem à margem da sociedade, mídia, oportunidades e desejo. Eu sempre fui uma pessoa de personalidade forte, nunca conheci área de conforto e sempre gostei de caminhar à minha maneira e com os meus. A Lolita az Aveças é esse lugar, gosto de vestir corpos de belezas reais. As modelos dos editoriais da marca sempre são as clientes da Lolita ou pessoas que eu cruzo pela cidade e que me chamam a atenção. E essa escolha por si só já é um ato político, por ela andar na contramão dessa ditadura de corpos perfeitos, de uma beleza eurocêntrica e de padrões que nunca foram os nossos. Trazer as mulheres da melhor idade, com vitiligo, mulheres Trans, Andrógenas e plus size isso se torna um questionamento, agora imagina quando todas elas são negras? Se torna uma ofensa e um afrontamento.



Foto: Maxwell Vilela



Foto: Maxwell Vilela

ESTÓRIAS DA RUA QUE FOI Balsa
VENCEDOR DO 59º PRÊMIO JABUTI
NA CATEGORIA PROJETO GRÁFICO



ENTREVISTA

Designers | Patrícia Rezende e Valquíria Rabelo



Edr - Como foi para vocês receber a premiação do jabuti em um mercado editorial ainda pouco favorável para as mulheres?

P&V - É importante dizer que a nossa vivência do mercado editorial é um pouco diferente daquela que é experimentada por outros profissionais, como os da literatura, por exemplo. Isso porque nossa aproximação com o meio se dá a partir do campo do design. E, nessa perspectiva, percebemos uma presença crescente de mulheres: conhecemos e admiramos iniciativas bem-sucedidas que contam com a coordenação e a participação de designers-editoras, ilustradoras e artistas gráficas.

Sobre o Jabuti, observamos que várias autoras e profissionais da área editorial estiveram entre as finalistas e muitas delas foram premiadas. Ficamos felizes por perceber que o prêmio valoriza o trabalho realizado por mulheres e busca promover a diversidade. Realizado desde 1958, consideramos positiva a maneira

como a premiação se repensa e se atualiza. Esperamos que essa postura se intensifique cada vez mais nas próximas edições.

Edr - O quanto tem de vocês neste projeto? Como se misturam as suas impressões com as impressões desejadas pelos editores, escritores, público, etc.

P&V- Estórias da rua que foi balsa: trilhas e intuições na área da saúde foi um livro financiado pelos Projetos Integrados de Educação Popular em Saúde "Victor Valla" (ISCO/UFF), que fazem parte da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS). A organização e a edição dos textos, a produção executiva e a busca por formas de viabilização foram conduzidas pelos próprios autores. Por trás desse esforço, não havia interesses comerciais. Ao contrário: desde o início tínhamos a noção de que os exemplares seriam distribuídos gratuitamente. Nesse sentido, a abordagem gráfica pôde ser mais suave e mais expressiva. Embora tenhamos buscado compreender o

comportamento dos públicos com quem a publicação pretendia dialogar, os textos foram o grande ponto de partida para o direcionamento conceitual.

Além disso, somos muito gratas aos autores pela confiança depositada em nosso trabalho: foi uma relação de parceria, em que recebemos ampla liberdade criativa e houve tempo para a imersão. Como em todo projeto, existiam expectativas iniciais, mas ao longo de todo o processo houve abertura para a proposição e a inventividade.

Como designers, temos tido o privilégio de experimentar esse mesmo grau de liberdade e imersão em outras iniciativas – fazemos parte do Guayabo, estúdio colaborativo de design. A maioria de nossos clientes são escritores, produtores culturais, pesquisadores, artistas visuais, movimentos sociais e empreendedores da área criativa. A cada projeto, nos organizamos em equipes e buscamos desenvolver processos interdisciplinares, que se dão a ver nos resultados de nosso trabalho. Fica o convite para conhecer mais em guayabo.com.br.

Edr - Para vocês, o que tem de mais desafiador neste projeto gráfico e o que vocês mais gostaram?

P&V - O livro é uma compilação de crônicas, contos, poemas e ensaios produzidos desde 2013 e publicados no blog Rua Balsa das 10 (balsa10.blogspot.com.br).

Um dos principais desafios foi, em meio à diversidade de linguagens e gêneros textuais, encontrar um caminho gráfico que contemplasse todas as expressões.

Ao longo da nossa leitura, identificamos a navegação como uma metáfora recorrente, associada ao exercício profissional em saúde: percorrer e desbravar caminhos, mergulhar pelas águas da educação popular, confluir vivências e pontos de vista. Para fazer referência a esse imaginário, criamos grafismos e uma cartela de cores a partir de paisagens marítimas. Além disso, foi encartado no livro um postal com uma aquarela da ilustradora Paula Wong. A peça remete à memória afetiva e traz à tona o universo da troca de correspondências. É uma forma de conectar pessoas, contar histórias, compartilhar vivências por meio da escrita, como os autores trabalham ao longo do livro.

Outro charme do projeto é a sobrecapa: usamos como referência as marcas de dobra de um barquinho de papel. Depois de montar e desdobrar a folha, encontramos um padrão geométrico, do qual derivamos alguns elementos gráficos: tomando as linhas como guias compositivas, aplicamos três cores em formas triangulares que parecem confluir. O grid formado também orientou a dobradura diferenciada. Por fim, a sobrecapa traz um convite: o leitor encontrará, em seu interior, instruções para cortá-la, dobrá-la e montar seu próprio barquinho. Caberá a cada um a decisão de transformá-la ou não.



Estórias da rua que foi balsa

Trilhas e intuições na Educação Popular em Saúde

Editora

Guayabo Edições

Design

Patrícia Rezende e Valquíria Rabelo

Ilustrações

Paula Wong

Fotografias

Esther Azevedo – Estúdio Guayabo

Autores

Ernande Valentin do Prado, Eymard Mourão, Julio Alberto Wong Un, Maria Amélia Medeiros Mano e Mayara Floss

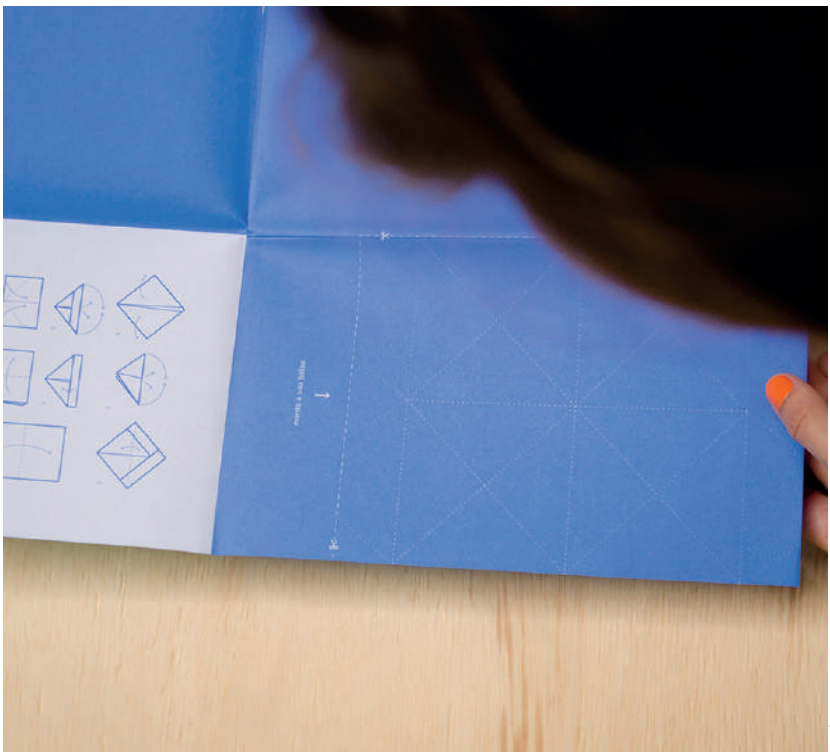
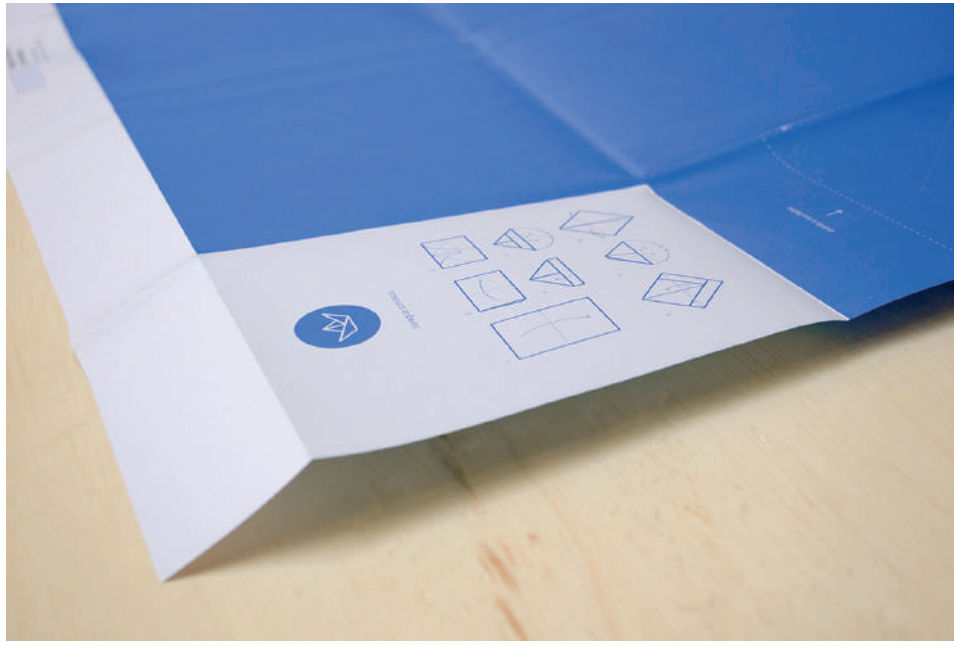
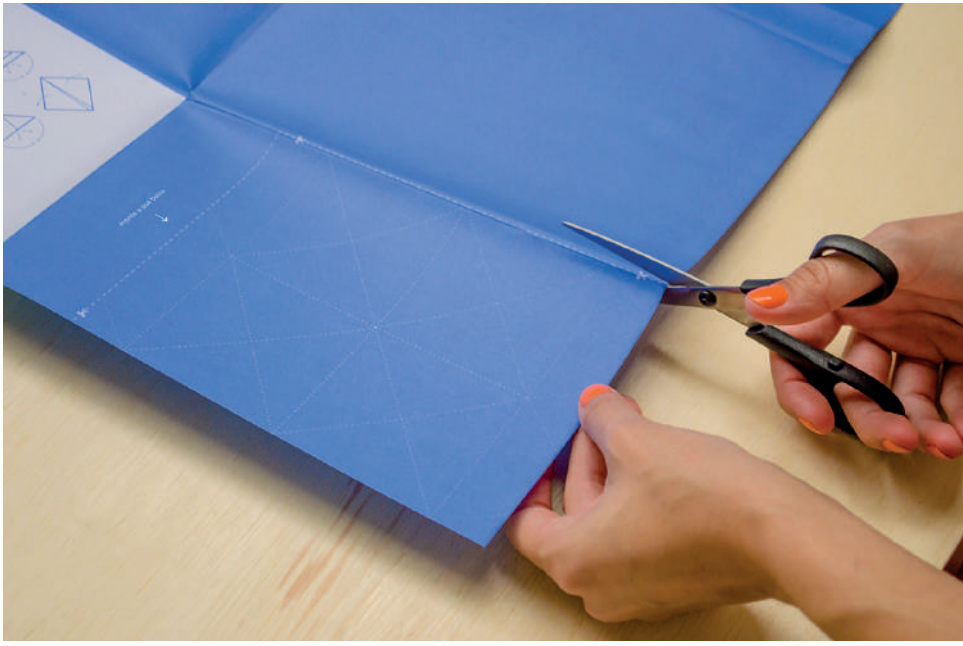
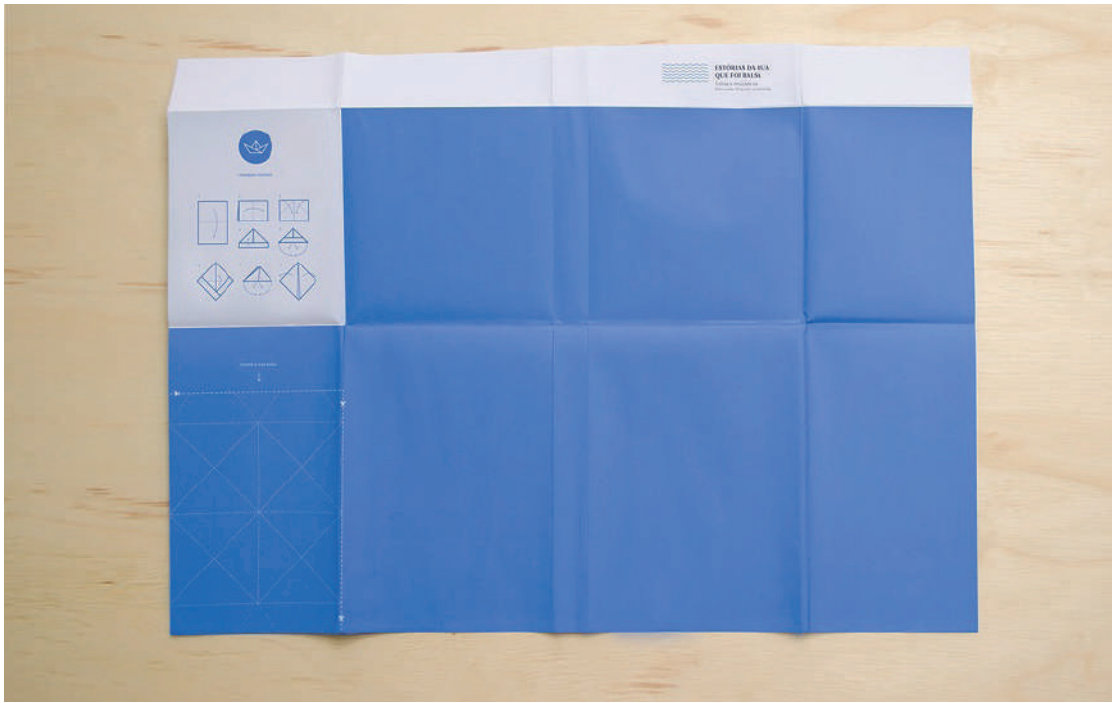
Prefácio

Maria Valéria Rezende

Ano

2016

“Estórias da rua que foi balsa” foi escrito por cinco profissionais da área de saúde que vivem em diferentes regiões do Brasil, dentre eles enfermeiros, médicos e pesquisadores. O livro traz uma perspectiva do fazer em saúde sensibilizada pela experiência e pelo outro. Ao longo dos textos, a navegação é recorrentemente empregada como metáfora para o exercício profissional: percorrer e desbravar caminhos, mergulhar pelas águas da educação popular, confluir vivências e pontos de vista. Nos relatos e poemas, existe também uma dimensão de crítica social, própria do campo da Educação Popular, mas, ao mesmo tempo, a escrita é leve e lúdica, repleta de jogos de linguagem.



LUCAS ED. GUIMARÃES



PRAZER EM CONHECER MARCELO D'SALETE



Conta o Têlio Navega em seu livro “Os Quadrinistas”, que Marcelo D’Salete nasceu em São Bernardo, no ABC paulista, em 1979, mas que foi criado na periferia, na zona leste da capital paulistana. Coisa que, mesmo sem termos oficialmente informados, pode-se depreender de sua produção. Residente em São Paulo, Marcelo D’Salete é ilustrador, professor, quadrinista e pesquisador de arte afro-brasileira. Estudou design gráfico no colégio técnico Carlos de Campos. É graduado em Artes Plásticas e mestre em História da arte pela USP.

Segundo o Guia dos Quadrinhos, sua primeira HQ de maior circulação publicada foi “Trânsito”, na Front #10, de 2002. Voltou na edição seguinte da revista, com a obra “Cheio de Azul”. O ano seguinte foi consagrado às parcerias: ilustrou um roteiro de Edson Aran (“O homem que odiava as mulheres”) para a edição especial Contos Bizarros da revista Superinteressante, fez a capa e uma história (“Mamãe”), em parceria com Eddy Gomes na edição 13 da Front. Depois, em 2008, publicou a HQ curta “Entre rosas e estrelas” numa edição da antológica revista Graffiti 76% Quadrinhos, de BH.

Mas por que falar de Marcelo D’Salete? Só porque ele é um autor de quadrinhos negro e é o mês da Consciência Negra? Não. É importante falar de Marcelo

D’Salete porque hoje, no Brasil, existe um seleto grupo de autores de quadrinhos cuja produção precisa ser conferida sempre que pinta algo novo e Marcelo D’Salete é certamente um deles. Aproveito então o lançamento recente do novo “Angola Janga” (Ed. Veneta) e fazer um apanhado quase completo da obra minuciosa de um autor relativamente pouco lido, sobretudo em razão de seu imenso talento.

D’Salete tem um estilo narrativo muito próprio, bastante reconhecível: sua narrativa é sempre não linear e são pequenos detalhes gráficos — uma tatuagem, as roupas de um personagem, o cenário de um diálogo — que permitirão ao leitor compreender a cronologia da narrativa. No que tange à temática, sua produção coloca no centro do palco personagens negras e as mais comuns possíveis: um menino de rua, a garçonete de um nightclub, um segurança, um homem escravizado. Entretanto, essas personas comuns têm sempre sua vida atravessada pela violência, geralmente explícita, física, mas antes disso, violência social. Marcelo mostra como a percepção social das pessoas negras, quase sempre periféricas, se dá de maneira agressiva, inescapavelmente sujeitas a serem violentadas pelo mais estúpido desengano — desengano esse marcado pela diferenciação racial que estrutura a sociedade brasileira.



Risco (Revista Front #10, editora Via Lettera, 2002)

Nos aspectos gráficos, o traço de D’Salete é seco, duro. Todo produzido em preto, branco e cinza. Em alguns momentos, é possível antever alguma influência da gravura (por exemplo, o grande rio de **Cumbe**) e de elementos da arte urbana. Há um uso constante do efeito de pincel seco na arte final, que dá um tom cru, quase grosseiro às grandes áreas escuras da página, mas, mais importante, assinala de maneira inconfundível, a cor de pele das personagens. O cenário urbano é retratado em detalhes suficientes para que se perceba do que se trata, mas vago o bastante para que possamos projetar qualquer grande cidade durante a leitura. Todo estilo tão característico, já está

presente em seu esplendor no trabalho de estreia de Marcelo D’Salete, a história curta “Trânsito”.

Pois bem, ao que tudo indica a vida pública como quadrinista de Marcelo D’Salete começa com a publicação da HQ curta “Trânsito”, na Front #10 em 2002 (na HQ, vê-se que sua produção data do ano anterior, 2001).

A Front era uma premiada revista-antologia com edições temáticas quase semestrais. A edição #10 tinha por tema “O estranhamento de viver em um mundo cheio de outros”. É um mote perfeito não só para a HQ de 18 páginas que D’Salete

apresenta, mas também de algo bastante marcante em sua produção: as relações ruidosas nas grandes cidades do Brasil afora. Geralmente é São Paulo, mas pode ser Belo Horizonte, pode ser Curitiba, o Rio de Janeiro, Salvador...

Como dito, vários elementos da identidade autoral de Marcelo D'Saete já estão presentes nessa curta história de estreia, no fim uma trama de amor ao modo "saletiano". Sua típica não linearidade; a necessidade de que o leitor esteja completamente atento a tudo que acontece na página, no quadro, nos personagens. Quanto ao conteúdo, já se nota o olhar do autor nas grandes tramas que se escondem nos pequenos atos cotidianos; o preconceito racial; a violência urbana.

São 18 páginas mas D'Saete não economiza, não falta nem sobra: ele tem tudo o que precisa para contar a história de um garoto que quase morre ao aproveitar um esquecimento banal, para se aproximar de uma garota.

O tema daquela edição da Front era "a feminilidade e seus desdobramentos", e D'Saete contou com a colaboração de Eddy Gomes para contar a psicanalítica "Mamãe". Na trama, uma mulher jovem (mas de idade indefinida) vive o conflito de ter de cuidar da mãe, uma senhora idosa padecente das consequências de um AVC.



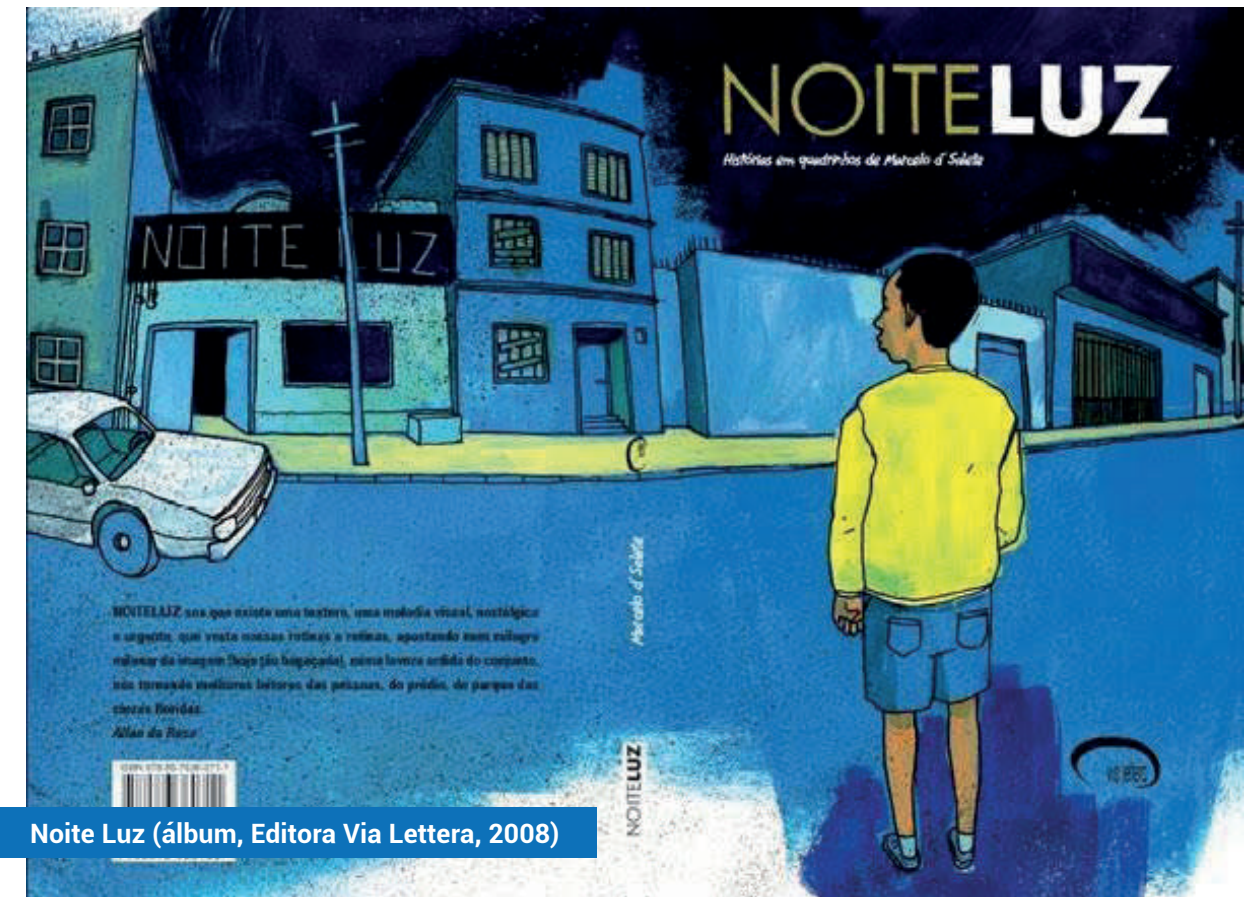
Mamãe (Revista Front #13, editora Via Lettera, 2003)

A história, de apenas 11 páginas, é talvez a que mais fortemente faz uso da não linearidade narrativa. É preciso estar atento às roupas, fragmentos de diálogos e coisas do tipo para se entender adequadamente a trama toda.

Se a violência é tema presente nas HQs de Marcelo D'Saete, aqui ela assusta por

aparecer ao mesmo tempo em formas mais sutis, mas com desdobramentos bastante evidentes e concretos: uma mulher jovem, condenada à solidão e

à inexistência para cuidar da mãe, que fantasia (só fantasia?) a violência como escapatória e... tem mais violência como resposta.



Noite Luz (álbum, Editora Via Lettera, 2008)

Em 2008 Marcelo D'Saete é publicado pela primeira vez em álbum. Já na orelha do livro temos uma provocação poderosa de Bruno Azevêdo, que questiona: onde encaixar na prateleira a produção do autor, especificamente **Noite Luz**, se ignorarmos que se trata de um álbum de quadrinhos?



Noite Luz conta seis histórias (“Noite Luz”, “Entre rosas e estrelas”, “Graffiti”, “Bulldog”, “O Patuá de Dadá” e “Sexta”, sendo que “Entre rosas e estrelas” já havia sido publicada no nº 17 da revista Graffiti 76% Quadrinhos, daquele mesmo ano), todas orbitando a boate homônima ao álbum. Ainda que D’Salete mantenha o formato habitual de histórias curtas, agora o faz de maneira que todas se interliguem, não só por envolverem todas, em maior ou menor grau, a boate **Noite Luz**, mas pela constância de personagens. Alguns que são fundo em determinada história, em outra ocuparão o centro do palco e vice-versa. Um exemplo dessa inter-relação são as histórias “Sexta” e “Bulldog”: a trama narrada em “Sexta” acontece em algum momento depois do começo, antes do

fim de “Bulldog”, mas isso não é tema de nenhuma das duas histórias. Não há recordatórios explicando essa relação ou o nexo temporal existente entre as tramas — D’Salete deixa essa conexão se perceber por meio de pequenos detalhes, no caso a tatuagem de um bulldog mostrada na história de mesmo nome.

O recurso do foco nos detalhes, que no interior das histórias curtas serve para organizar a cronologia dos eventos que se narra, aqui é utilizada para isso e também para conectar entre si cada uma das pequenas histórias. Isso gera um prazer a mais: a narrativa de D’Salete, além de te fazer querer saber o que está acontecendo, também instiga a saber quando as coisas estão acontecendo. É fantástico!



Encruzilhada (álbum. Editora Leya/Barba Negra, 2011; Editora Veneta, 2016)

O álbum de 2011 congrega cinco histórias curtas que, assim como o próprio álbum, poderiam ocorrer “em qualquer grande cidade, no frio inverno”.

Diferente de **Noite Luz**, aqui não há um espaço tão restrito que faça orbitar as tramas e os personagens, então os contos seguem mais ou menos sem se tocar. “Mais ou menos” por dois motivos: o primeiro é que as histórias “Sonhos” e “93079482” se tocam. Sutilmente se tocam, como duas pessoas que não se conhecem, mas que pegam diariamente o mesmo ônibus ou que caminham pela mesma rua sem sequer se perceberem. O segundo motivo é que se trata de Marcelo D’Salete. Mesmo numa releitura atenta e minuciosa de sua obra, a possibilidade de existir um detalhe fundamental, capaz de ressignificar a leitura não pode nunca ser deixado de lado.

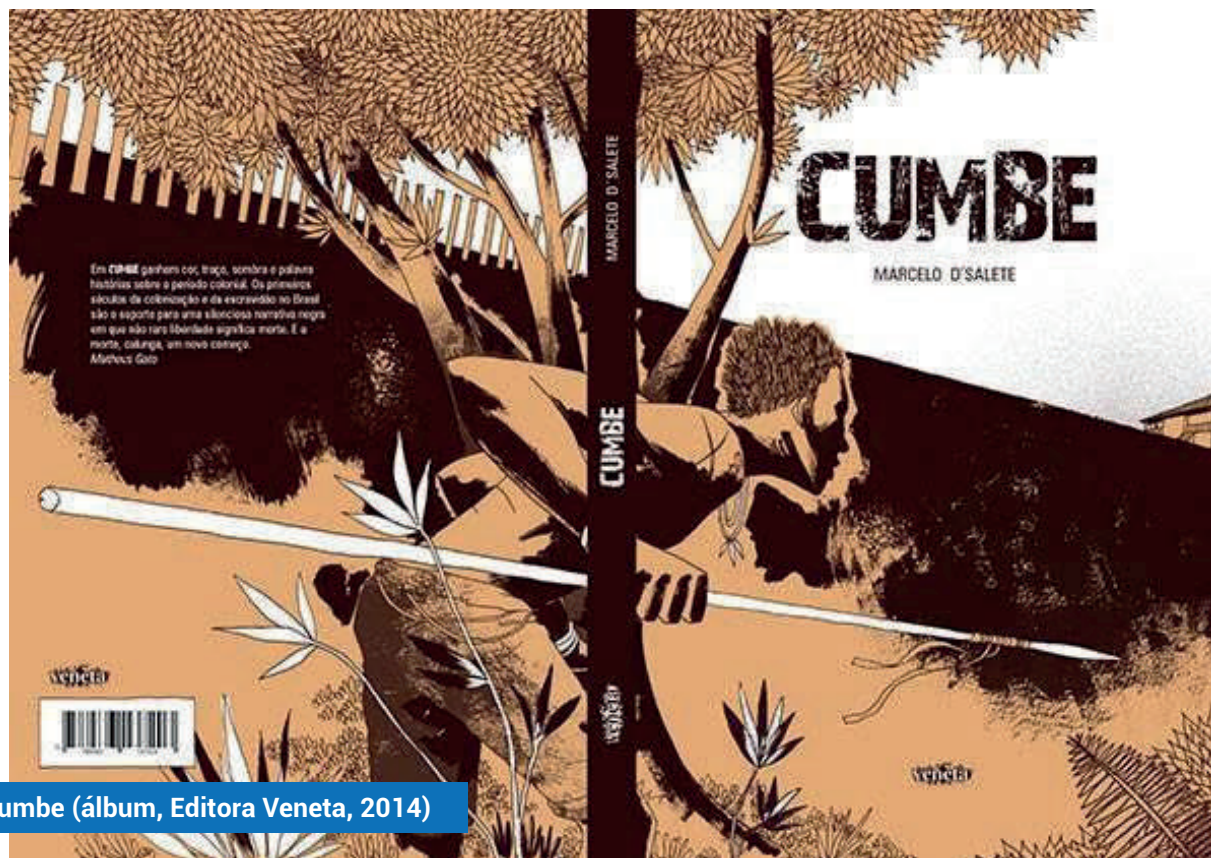
Além das duas histórias já nomeadas, temos ainda “Corrente” (esta produzida a partir de um conto do escritor e compositor Kiko Dinucci); “Brother” e a angustiante história “Encruzilhada”, que dá nome ao álbum.

A edição lançada pela Veneta em 2016 também traz a história Risco, anteriormente publicada pela Cachalote. Outra vez diferente de Noite Luz, D’Salete gira seu olhar minucioso pelas pessoas nas grandes cidades, por seus desencontros, seus sofrimentos,

suas fragilidades. A primeira história, “Sonhos”, já abre com uma imensa quebra de expectativa, porque é possível que mesmo os maus estejam sofrendo; ao mesmo tempo, a última história exige uma mudança de eixo: e se um ato mau (por exemplo, abandonar um bebê no banheiro de um hipermercado) for o maior ato de bondade possível para alguém?

Não há resposta fácil para nada. A vida nunca é fácil e, se você tiver esquecido, a leitura da obra de D’Salete certamente vai te fazer lembrar.





Cumbe (álbum, Editora Veneta, 2014)

Em 2014, fez uma mudança bastante radical em sua produção: com Cumbe, Marcelo D'Saleta abandonou seus tradicionais cenários urbanos para lançar-se a outro período tão sensível e violento quanto na vida de homens e mulheres no Brasil, o período escravagista.

Apesar da mudança de plano de fundo, a estrutura é aquela que já estamos acostumados na produção de Marcelo: contos curtos, prenes de violência de todo tipo — física, moral, psicológica, sexual. Interessante notar que, ao mudar o cenário e manter o mesmo grupo no centro das narrativas, sustentar a violência que os cerca, a experiência de

ler Cumbe nos obriga a perceber que sim, há um mecanismo forte de continuidade entre aquela violência, supostamente deixada para trás com o fim da monarquia, e esta agora que vivem os afro-brasileiros país afora.

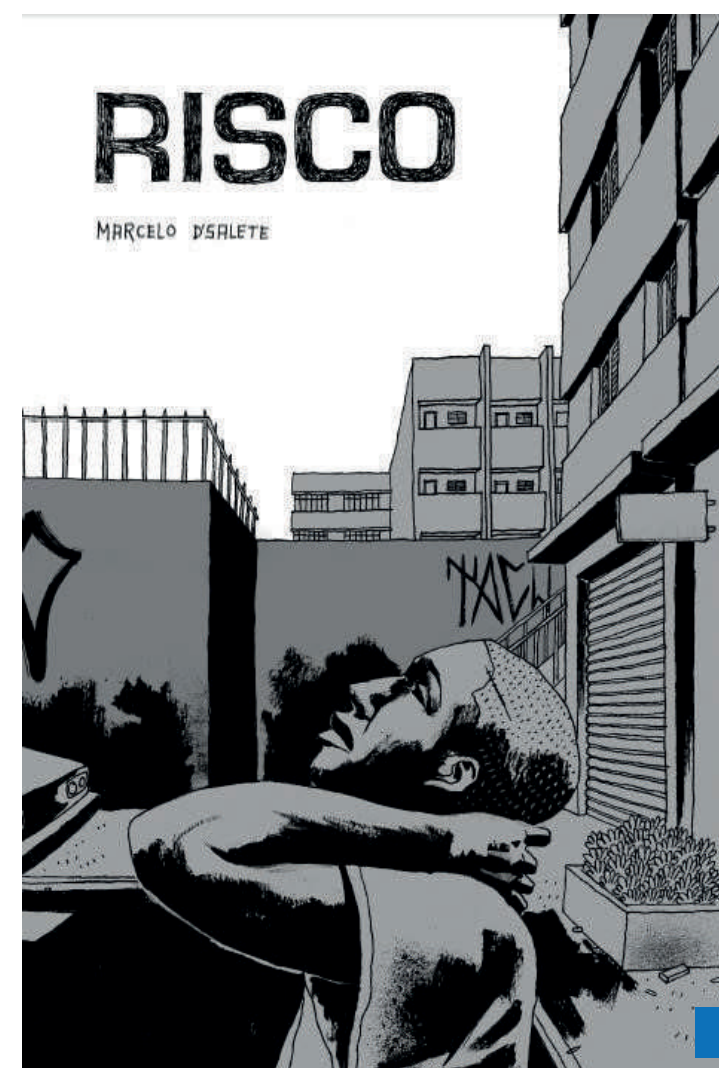


Ao lado de uma pesquisa evidentemente extensa, seja do ponto de vista histórico, seja simbólico (graficamente mesmo), Cumbe tem o grande mérito de desnaturalizar o período escravagista, não pelos grandes atos e nomes como Zumbis, Dandaras, Domingos Jorge-Velho, Borba-Gatos e qualquer outro vulto historicamente conhecido. D'Saleta narra as violências cotidianas, sofridas e cometidas por completos anônimos. São atos “pequenos” nesse sentido, mas imensos quando a gente se dá conta de que eram corriqueiros, cometidos sistematicamente. Através dos contos

“Calunga”, “Sumidouro”, “Cumbe” e “Malungo”, D'Saleta nos apresenta a crueza de estupros, separações, infanticídios, punições físicas, homicídios, feminicídios. A arte dura de Marcelo, suja, apresenta essas histórias de violência sem nenhum glamour, sem nenhum desconto, sem didatismo: é violenta também, angustiante e triste — como pensar que a escravidão poderia ser diferente?

Cumbe poderia ser considerada facilmente a obra-prima de muitos autores de quadrinho (e mesmo de literatura) Brasil afora — não acidentalmente, foi publicada em Portugal, Alemanha, Estados Unidos (com o título de “Run for it: Stories of slaves who fought for their freedom”).

Nesse álbum curto, diferente de seus trabalhos anteriores, Marcelo D'Saleta apresenta uma única história — os riscos que Doca corre por ser jovem, negro, periférico, flanelinha. D'Saleta coloca ao redor do garoto um desfile de pessoas que o violentarão ou tentarão se aproveitar de seu martírio sem qualquer consideração pelo sujeito em si. Quantos de nós, habitantes das grandes cidades de um país tão violento, podem bater no peito e se colocar como diferente disso? Milhares de “Docas” estão por aí, violentados, negligenciados, país afora. Quantos de nós podem dizer que realmente se importa?



Risco (álbum, Editora Cachalote, selo Franca, 2014)

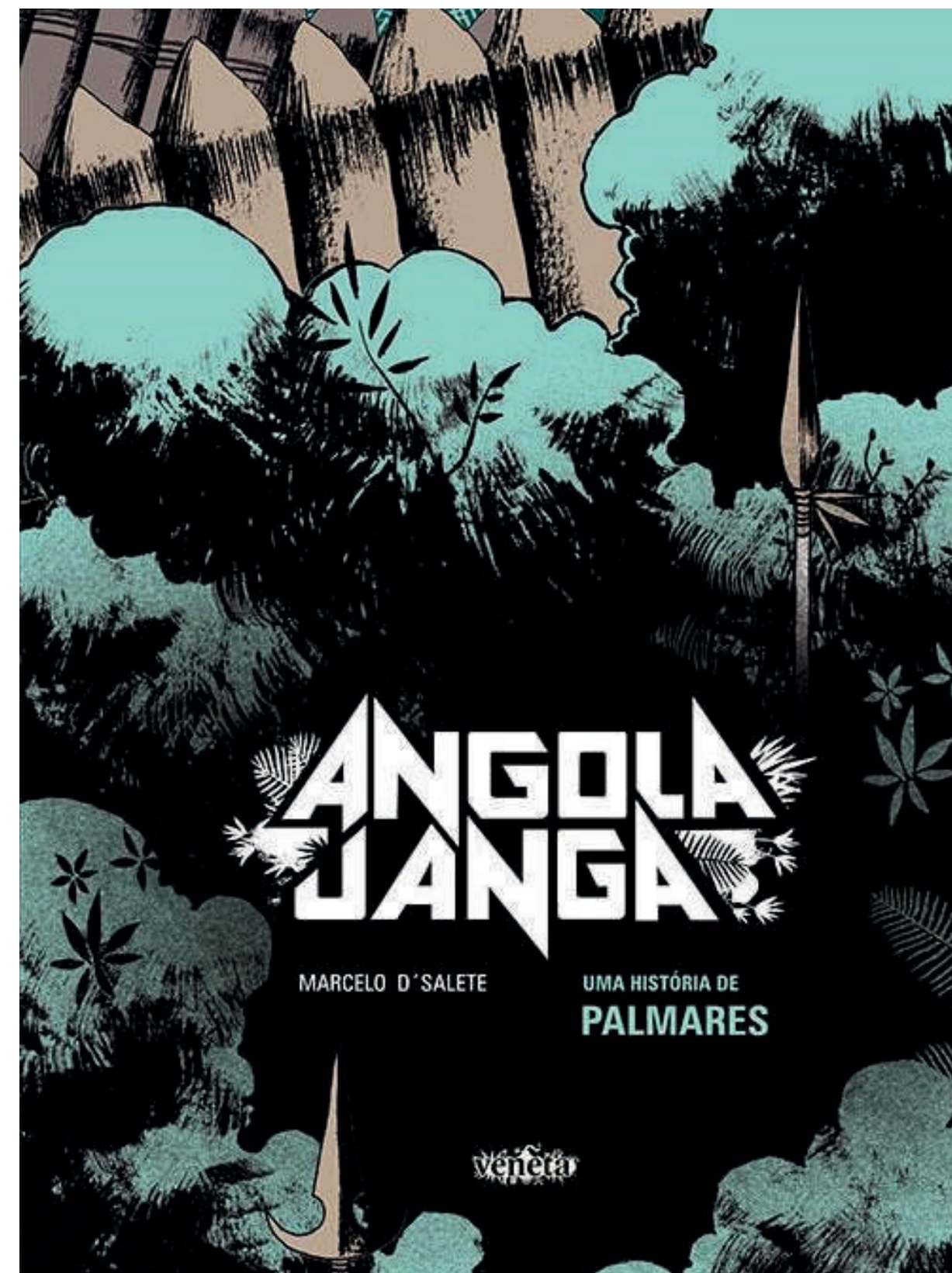
Em Risco aparece com mais força algo que D'Saete já havia mostrado em outras HQs (como em "Graffiti", parte de Noite Luz; em "Trânsito" e, vá lá, de alguma maneira em "Mamãe" também): em meio a toda violência das grandes cidades, o amor não salva ninguém, ainda que possa trazer algum alívio momentâneo.

O amor é uma pausa para respirar, mas sem romantismo: depois de cada abraço aliviado do reencontro, há um novo dia, novos riscos... para algumas pessoas, não existe "viver" nas grandes cidades: existe "sobreviver". Cada novo dia vencido é mais um dia sobrevivido, e essa talvez seja a maior das violências.



Em novembro de 2017, Marcelo D'Saete lançou Angola Janga – uma história de Palmares, resultado de mais de dez anos de pesquisas, conforme afirma o próprio autor em entrevista ao CartaPlay, canal da revista Carta Capital no Youtube. Nesta graphic novel, Marcelo mantém o olhar sobre o período da escravidão no Brasil, mas com a lente mais ajustada:

seu objeto agora é o Quilombo de Palmares, a "pequena Angola" do título do gibi. Conhecendo o trabalho de Marcelo D'Saete, sua regularidade e talento, a notícia de um lançamento dessa natureza, verdadeiro calhamaço de 432 páginas, só pode despertar uma sensação: uma imensa ansiedade para ter logo o material em mãos!



Lucas Ed Guimarães é Bacharel em Psicologia, com mestrado em Psicologia Social (ambos pela UFMG), professor universitário, investigador da Polícia Civil de Minas Gerais. Escreve sobre quadrinhos e cultura de massa no site melhoresdomundo.net.

A woman with long brown hair, a nose ring, and a flower crown made of pink and white roses. She is wearing a black spaghetti strap top. She has tattoos on her arms, including a large one on her left arm. The background is dark with purple and pink lights and foliage.

CURADORIA NA PELE

Yasmine Evaristo

O processo de edição não deve ser visto como exclusividade do mercado de publicações impressas. Todo ato de pesquisa no qual é necessário observação, pesquisa e delimitação do que é de seu interesse e do que é pertinente a demanda solicitada é um tipo de edição. Isso é claro em atos como a curadoria de uma exposição, ou mostra de filmes. Da escolha do elenco de uma peça ou da montagem do set-list para um festival eletrônico.

Partindo dessa perspectiva, busquei refletir sobre o papel do tatuador na concepção da arte para que esta escolha atenda ao cliente. Como tatuada que sou, procuro em um (a) profissional da área conhecimento e coerência no que ele (ela) propõe como produto. Ao fazer uma tatuagem, quero que o artista imprima em mim parte do estilo dele.

Esse hábito foi adquirido com o passar dos anos e das tatuagens de catálogo - aqueles desenho que encontramos nas pastas dos estúdios e em vários corpos pelo mundo. Após a 3ª tatuagem, o processo que sigo para escolher o que será gravado em minha pele é tão editorial quanto a relação autor/editor. Com meus amigos também.

Na pausa do café da tarde, pelo whatsapp perguntei pros meninos do grupo de cinema como eles procediam. Íta e Cris, como eu, conversam, pesquisam e

elaboram como profissional até chegarem a um resultado de gosto comum. Ibe, mesmo com uma só tatuagem, que foi reproduzida de uma imagem que ele viu e gostou, quer pensar mais na próxima e estabelecer essa relação com o tatuador.

Não satisfeita, decidi perguntar para uma profissional da área, como ela age diante dessa perspectiva. Veronicka Lazarini, 35 anos, tatuadora do Lazarini Tattoo Shop, em Belo Horizonte, afirma essa ideia de vínculo entre o profissional e o cliente. Ela sempre gostou de desenhar e entrou no mercado de trabalho, por meio de seu esposo, Paulo Lazarini. Veronicka

observa que seus clientes, assim como ela, tem um apreço pela tatuagem, a entendendo como um meio de expressão artística.

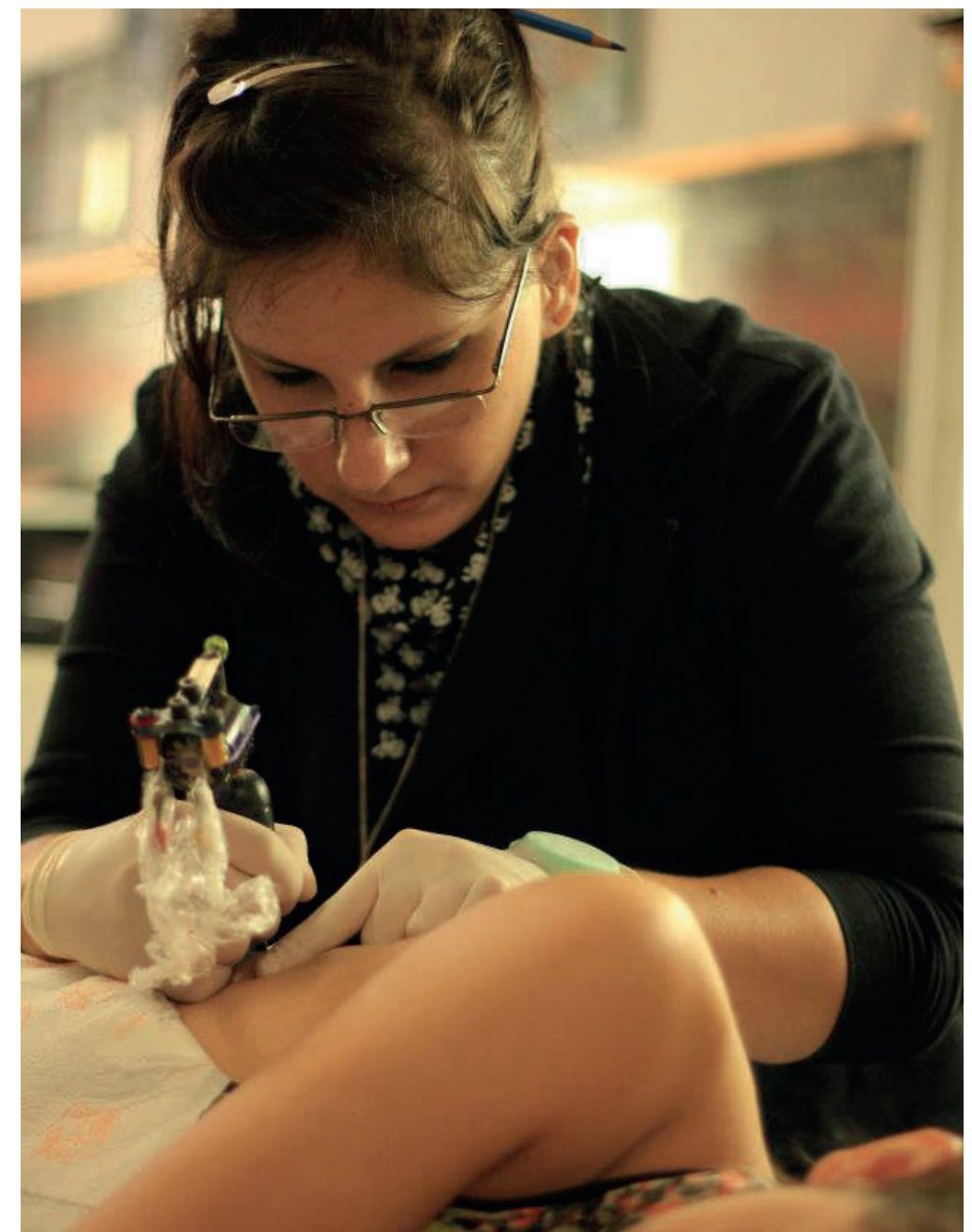
Seu estilo consiste em desenhos de rostos, bichinhos e flores com traço neo-tradicional, desenhos que já acompanhavam, antes da profissão. Desejando aprimorar seu trabalho, ela estuda outras formas de desenhar. Seu trabalho a cada dia se torna mais pessoal. Ao escolher elementos que são familiares e lhe agradam, Veronicka personaliza sua arte a transformando em algo íntimo a ela e ao que a recebe.



Ela diz que mesmo que o contato com aquele desenho/tattoo seja breve ele, e ela, sempre estarão naquela pessoa. Essa leitura (do que é desejado pelo receptor) é essencial. Assim, a tatuadora preza pelo que a pessoas desejam e se dedica a fazer sempre seu melhor.

Poder dialogar com outras pessoas, sobre

o percurso que/como é feito - do querer se tatuar ao ser tatuado - me esclareceu que as relações que temos com os processo seletivos, não se limitam a apenas algumas áreas. Editar é algo natural. Imperceptivelmente fazemos isso em nossa rotina. E se soubermos como proceder, os resultados serão satisfatórios a todos.





O CINZA POR CIMA DO ARCO-

ÍRIS Ana Clara
Duarte

Publicar livros no Brasil é uma tarefa, sem dúvidas, complicada, e há muitos culpados a quem apontar os dedos: à grande quantidade de analfabetos no país, ao débil incentivo à leitura, preços nem sempre acessíveis, priorização do lançamento de livros estrangeiros. A ordem dos fatores, nesse caso, acaba não afetando o produto negativo. Mas quando se adiciona o fator literatura LGBTQ+ à sentença, o produto se multiplica, cria várias letras e palavras, algumas vírgulas, pontos, exclamações, e

por fim, uma interrogação: **cadê a nossa representatividade no meio editorial?**

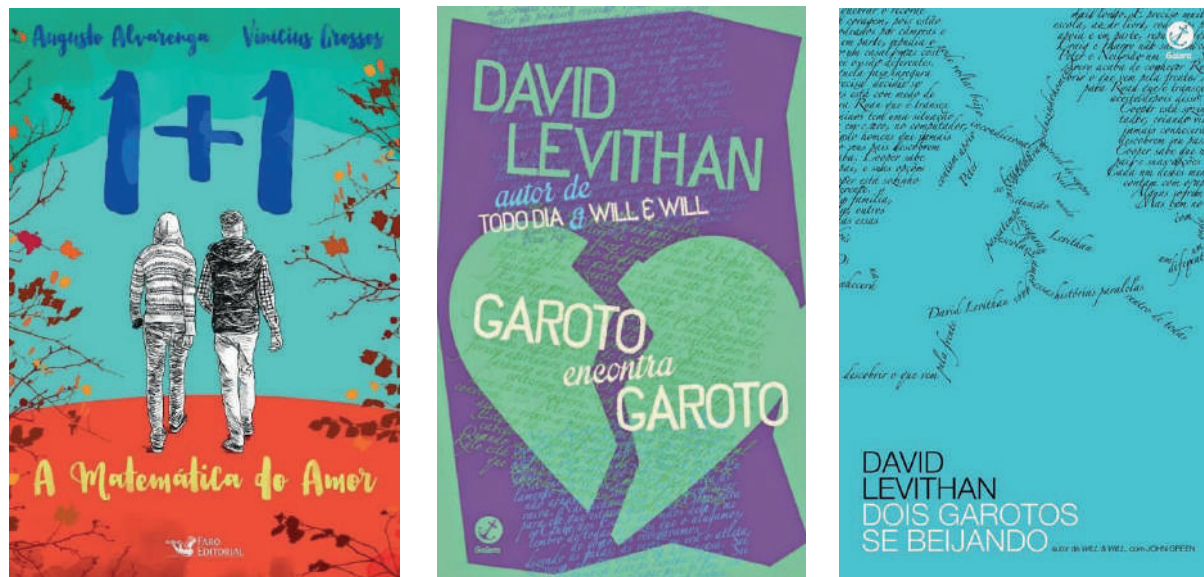
Entre os anos de 1990 e 2004, cerca de 72,7% dos romances contemporâneos publicados pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco, eram de autoria de homens, em esmagadora maioria brancos. A presença de personagens homossexuais, sendo eles gays, lésbicas ou bissexuais, é de apenas 3,9%, sendo que desse valor, 79,2% dos personagens são homens gays ou bi. Nessa pesquisa citada por Regina Dalcastagnè em Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado, as autoras sequer entram na equação, e é desnecessário dizer que mulheres lésbicas, bi e trans são ainda mais invisibilizadas – não só na pesquisa, mas na sociedade literária e acadêmica no geral. Adiciona-se, então, marginalização de mulheres LBTT (lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis) à lista dos culpados citados anteriormente, bem como à escassez de literatura com temática LGBTQ+ nos catálogos das editoras brasileiras. Fato é que, nos últimos anos, com o início de uma maior visibilidade, veiculada, principalmente pelas mídias sociais, à luta pelos direitos dos homossexuais, tem

sido um pouco menos difícil de encontrar livros com a temática.

Obras como Garoto Encontra Garoto e Dois Garotos se Beijando, publicados pelo selo Galera da Record, por David Levithan e Will & Will, de uma parceria que o autor fez com John Green (A Culpa é das Estrelas e Cidades de Papel) são bastante conhecidos. Há ainda a obra 1+1 – A Matemática do Amor, dos autores brasileiros Augusto Alvarenga e Vinícius

Grossos, além de muitos outros.

Claro que essa visibilidade, embora ainda muito minguada, é positiva. Porém, quando se busca sobre literatura LGBT, 70% dos livros encontrados são escritos por homens, sobre homens e voltados para homens. Mais uma vez, a interrogação no fim do produto volta: **onde está a literatura com temática lésbica, bi e transexual feminina? Onde estão as mulheres nessa equação?**



É indubitável que mulheres têm mais dificuldade para publicar, e quando se adiciona a questão da sexualidade, fica ainda mais restrita a lista dos nomes que conseguiram. A repressão dessas mulheres é fruto de uma sociedade machista, hipócrita e homofóbica que, tenta vetar e apagar a todo custo, obras e autores extraordinários, como aconteceu com Virgínia Woolf, na década de 20, e

Cassandra Rios, na década de 70.

Para burlar essa invisibilização, começam a nascer editoras especializadas e que publicam conteúdos nacionais originais para o público lésbico, como a Editora Brejeira Malagueta, que permaneceu em atividade de 2008 a 2015 e foi a primeira L2L (lesbian to lesbian, ou de lésbica para lésbica) da América Latina; a Editora

Vira Letra ou ainda LiteraTRANS, ambas em atividade. Mas, ainda que exista a produção e o público, eles parecem não se encontrar. Em razão do preconceito e intolerância de grande parte da sociedade acerca do assunto, há grande dificuldade de se conseguir leitores e destaque para esse gênero literário.

Outra solução encontrada, que pode ser considerada meio adversa, seria rotular a literatura. Obras sobre ou com gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, e seus autores, em suas respectivas caixinhas. Por um lado, pode ser uma resolução positiva, uma vez que facilita o acesso ao público, fortalece a questão da identidade e garante espaço e visibilidade. No entanto, por outro lado, corre-se o risco de marginalização e segmentação do

movimento ao invés de inclusão.

Uma das muitas questões que ficam é: até quando haverá necessidade dessa segmentação para prover aos grupos marginalizados alguma possibilidade de inclusão? E a resposta: enquanto houver hipocrisia e austeridade nos indivíduos. Há, no entanto, pequenos atos que nós, os que compreendem, lutam e são, podemos fazer, como apoiar à literatura com temática lésbica e LGBTQ+ no geral. Além de incentivar a discussão e inclusão do assunto nas rodas de conversa, quando possível, na faculdade, entre família e amigos. Estabelecer uma relação amigável e usual sobre, para que possamos ter, no futuro, um produto positivo e inclusivo dessa soma entre literatura, tolerância e sociedade.



Cassandra Rios

O desfile-manifesto do Século XXI

NORA HUSZTI



O Brasil é um país multirracial, mas, mesmo assim, ainda no século XXI, está presente o problema do racismo, que ainda é um assunto não tão discutido como deveria ser. Por esse motivo, não são encontradas muitas referências afros na moda brasileira, apesar de a população negra escravizada que foi levada para o Brasil nos tempos coloniais ter, direta ou indiretamente, influenciado o que hoje chamamos cultura brasileira.

Definir, no entanto, o que é cultura brasileira é também outra problemática dentro dos estudos culturais, já que não existe uma única “cultura brasileira”, existem várias,

além dos regionalismos diversos. Devido à vasta extensão territorial e distinção entre classes, gênero e gerações, podemos subdividir esses aspectos culturais a partir de suas diferentes influências, como: afro-brasileira, indígena, europeia, trazidas pelos colonos, entre outras, todas essas facetas deveriam ser sinônimas em nossas expressões culturais. Infelizmente essa paridade de valores entre as diversas culturas ainda está longe de se tornar realidade, principalmente no que se refere às manifestações culturais que são marginalizadas, como ainda é, por exemplo, a cultura negra em contraposição à cultura branca, de elite,

muitas vezes representadas no mundo da moda. De uma forma geral, o brasileiro ainda encontra dificuldade em reconhecer a cultura negra, principalmente dentro das classes elitizadas, essencialmente branca.

Colabora nessa reflexão a política de branqueamento do país, instituída do início do século passado, que resultou em uma construção do imaginário e da identidade dos brasileiros e que ressoa ainda hoje na sociedade brasileira. Outro fator importante nessa distinção é que o racismo está diretamente ligado à pobreza. Os escravos libertos no final do século XIX não tiveram qualquer apoio, por isso muitas vezes continuaram a depender dos seus “donos” para sobreviver ou se retiraram para a borda das cidades, onde formaram-se os primeiros guetos (ou cortiços), que mais adiante se transformariam nas primeiras favelas. Dessa forma a sua então integração na sociedade nunca aconteceu realmente, condenando-os à miséria e à exclusão.

As gerações seguintes, até a atualidade, sofrem com a herança dos antepassados, com o preconceito na sociedade brasileira e ainda são tratados de forma marginalizada. Carregam estigmas sociais pela cor da pele e pela sua origem. A imagem da mulher negra é quase sempre sexualizada, restando não muito além.

No final do século XIX, aconteceu a propagação da política de branqueamento do Brasil, baseando-se em teorias científicas como o darwinismo, que consideravam um fator necessário o branqueamento da população para um desenvolvimento econômico e social do

país. A elite defendeu o “projeto”, já que viu a razão da estagnação do progresso no fato que a maioria da população era formada de negros e mestiços, ou seja, pelas pessoas consideradas subalternas.

A sociedade brasileira, de uma forma geral, tenta camuflar esse preconceito em forma de um racismo velado, ainda ao estilo de Gilberto Freyre e sua democracia racial de 1930.

Esse tipo de racismo velado existe desde o período colonial escravocrata, em que as escravas negras usavam vestimentas que continham características próprias da cultura africana, mas que tinham que atender aos padrões de “beleza” e “higiene” dos donos de escravos, que buscavam passar a ideia de que essas escravas eram bem-tratadas. Essa situação é correlata à contemporaneidade, as empregadas domésticas e babás que hoje trabalham com uniformes para a classe alta e esses trajes, que também precisam sempre apresentar uma aparência limpa e bem cuidada, mostram o lugar subalterno dessas serviçais, que sempre provêm da população pobre e em grande parte negra.

Além de um conceito próprio, Leonardo Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, e o seu irmão Evando Fióti quiseram refletir sobre essas diferenças e outros preconceitos da sociedade brasileira atual, quando criaram a marca LAB e com o auxílio técnico do estilista reconhecida João Pimenta lançaram uma coleção para a última São Paulo Fashion Week que ocorreu no dia 24 de outubro de 2016. A carreira musical do Emicida começou ainda nos anos 1990 quando atuou nos bailes black organizados pelos seus pais na periferia de São Paulo,

lá foi onde escreveu suas primeiras rimas. Neste ano, já com uma carreira significativa no rap nacional, decidiu de entrar para a elite fashion brasileira, com uma coleção democrática e inclusiva.

Ele mesmo declara que pensa que a moda e a música são expressões igualmente autênticas. Para a pergunta: “O que representa para um rapper fazer parte da SPFW?”. Ele responde que gostaria de aproximar realidades diferentes, segundo ele “a São Paulo Fashion Week pode ser mais próxima da favela, e as favelas mais próximas da São Paulo Fashion Week”. Quando criaram a coleção o objetivo era que as pessoas que vão vestir as peças da marca, sintam-se representadas e próximas dos criadores. Tanto que os preços da coleção são realmente acessíveis, com camisetas a partir de R\$69 e os moletons custam R\$209, 90. São preços de marcas populares que não são representadas no maior evento de moda da América Latina.

O rapper conta para o Jornal Estadão que, recentemente fez uma viagem à África onde comprou tecidos e pra sair do óbvio ele se inspirou na personagem do Yasuke, um samurai negro. Emicida confessa que está apaixonada pela cultura japonesa e também ressalta o fato que fora do Japão a maior comunidades japonesa fica no Brasil e fora da África o maior comunidade afrodescendentes também enriquecem a população brasileira. “O Brasil é um lugar perfeito para mostrar essa fusão, porque aqui é um caldeirão de culturas.” A trilha sonora do desfile seguiu as mesmas características, uma música utilizada para os trabalhos do Candomblé, uma religião afro-brasileira, e música japonesa misturada com um coro. Dessa forma, pode-se falar que a coleção

representa uma moda democrática, ou seja, todos podem usar. Os tamanhos são acessíveis fora do padrão de tamanhos PP até GG e, entre os modelos que desfilaram, encontram-se todos os possíveis biotipos, independente de gênero, tamanho, raça e orientação sexual. Sendo assim, podemos concluir que a marca realmente quer alcançar todos que formam a sociedade brasileira no século XXI. O slogan da coleção é “I love quebrada 67 ” seguindo a linha “I love New York”, “I love Paris” ou “I love London”, como uma forma de reafirmar suas raízes e de chamar a atenção do público da Fashion week e da imprensa nacional, para uma parte da sociedade e da realidade brasileira constantemente esquecida.

Foi um desfile-manifesto histórico, que ganhou espaço em muitas plataformas. Esse é o tipo de moda que não quer mais distinguir, mas sim reunir uma sociedade.



Na área do gol, mas impedida de chutar

Jéssica Moreira

Sou forte, fortemente minoria; mas não dou a mínima. Minimamente, bem mesmo pelos detalhes, sou recusada em testes de emprego e conversas sobre o tema que escolhi trabalhar. “É trabalho para homem, porque estádio não é lugar para mulher”, dizem. Mas, como disse, eu sou forte.

Fui criada em um lar de núcleo familiar simples: pai, mãe e filhas. Somos três irmãs e eu fui escolhida pelo meu pai para ser sua companheira esportiva. Levei as nossas brincadeiras para a pracinha e a nossa torcida fanática no futebol para os estudos e trabalhos. Achei que seria como era lá em casa: eu falava uma hora, depois meu pai e nós concluíamos. Ou quando juntava a família toda — primos, tios e eu — ficávamos horas falando sobre times, jogadores, escalações, táticas, técnicas... e nada, nada de alguém se espantar de eu estar ali. Mas quem gosta de jogo aposta. Eles apostaram em mim e eu saí da minha bolha para falar para e com mais pessoas.

Já são cinco anos trabalhando com jornalismo esportivo e te respondo a pergunta que certamente te veio à cabeça: é na TV? Não! Lá eu apareci uma vez nesse período, em uma matéria em que me filmaram chorando em um jogo após meu time vencer um campeonato. Eles mostraram “uma garota emocionada”,

acho que porque, embora estádio não seja coisa de mulher, choro é. Fora isso, eu fiquei em 2º na seleção de emprego para uma daquelas vagas dos sonhos em uma emissora bacana para o programa esportivo. A vaga ficou para um garoto, conhecido do entrevistador, que “já levava jeito”.

Agora você pensa: então se não é TV, só pode ser Rádio. Sinto informar que lá vem mais um “não”. Fiz meu TCC voltado à plataforma e, inclusive, tive o apoio e interesse de um grande jornalista esportivo ao longo do processo, mas ele sumiu logo depois que enfim terminei e podíamos colocá-lo no ar. Fora isso, eu fiquei em 2º lugar na seleção de emprego para aquela vaga sinistra de esporte em rádio, porque depois de algumas etapas vencidas eles me disseram que “queriam uma voz masculina”.

Bom, nem vou me estender ao contar que, para o Imprensa, tinha que passar pela editoria de “Cidades” antes de tentar entrar na de Esportes, nem nos outros colecionáveis “nãos” que recebi da grande imprensa.

Fui então para o mundo do Mobile: “receba mensagens de texto do seu time no celular”, aplicativos com notícias esportivas, vídeos de torcedores, tutoriais de esportes, lance a lance de Olimpíadas

e o que mais aparecesse sobre bocha, rugby, basquete, futebol etc. Ali descobri que falo de esporte em 35 a quantos mil caracteres precisar e de qual modalidade for! Daí fui para as Redes Sociais, pequenos sites esportivos, uma revista eletrônica maravilhosa, que fala para jovens adolescentes e que me abriu portas para mostrar um pouco mais do esporte a elas, algumas palestras e seminários. Além de outras oportunidades, como esta aqui.

Se sonho em ir para a grande imprensa? Claro que sim! Muito mais pela possibilidade de falar, para muita gente, coisas que a experiência emergente tem me trazido. E, olha, ela é boa e não é

pouca não, viu? Porque não ser homem e não ter espaço no estádio é ter que todos os dias e em todas as conversas sobre o assunto mostrar em 1 minuto que, sim, eu sei do que estou falando. Senão, no minuto 2 já tenho que responder “o que é impedimento”. E é uma pena que eles entendam tão bem como um atacante não pode estar à frente do último jogador de linha adversário, o que é impedimento para um gol, mas não veem o quanto impedem nós, mulheres, de contribuirmos e crescermos ao lado deles nas tribunas, transmissões e, principalmente, na construção de um dos vínculos mais fortes da sociedade: o esporte. Mal sabem eles que o esporte é tão forte e capaz quanto as mulheres.

FALE DELAS

Thais Campolina

Tenho certeza que você já ouviu alguém dizer que mulheres nunca descobriram ou inventaram nada e que o sexo frágil não participou de momentos de guerra ou de desenvolvimento científico. Isso é uma mentira.

Numa tentativa de desqualificar o feminino, muitos ignoram as mulheres que, apesar da conjuntura desfavorável, conseguiram romper barreiras e ter seus feitos documentados. O contexto de subjugação patriarcal, que perdura por séculos, começou a mudar de forma mais

concreta somente há cerca de cem anos. O livro “Wonder Women—25 mulheres inovadoras, inventoras e pioneiras que fizeram a diferença”, escrito por Sam Maggs e ilustrado por Sophia Foster-Dimino, fala de mulheres que quebraram padrões e fizeram história, mas que são desconhecidas pela maioria das pessoas.

Ao narrar a trajetória de cada uma delas, Sam Maggs usa uma linguagem divertida e, com humor, faz pontuações importantes sobre a realidade da época em que cada uma viveu.

Muitas vezes a própria história contada já evidencia a desigualdade e os desafios que as mulheres enfrentavam. A luta para adentrar numa faculdade e cursar o ensino superior tangencia a história das notáveis Elizabeth e Emily Blackwell, por exemplo. O Efeito Matilda acontece quando as contribuições científicas feitas por mulheres são atribuídas a homens e isso é exposto quando se fala em Lisa Meitner, física nuclear austríaca, e Alice Ball, química e pesquisadora médica dos EUA. Outras formas de discriminação aparecem também nas histórias de espãs, inventoras e aventureiras. Ler essa obra é se deparar com os obstáculos que mulheres foram obrigadas a lidar por séculos e com a luta de cada uma para viver como protagonista de sua própria vida diante desse contexto.

Quantas histórias de mulheres incríveis se perderam porque a sociedade machista atribuiu seus feitos a um homem? Quantas foram esquecidas devido a invisibilidade das obras de seu gênero? Quantas deixaram de acontecer

por causa da exclusão das mulheres de diversos espaços? Quantas mulheres foram apagadas também por causa de sua cor? E de sua sexualidade? Inúmeras e as engrenagens que fazem a história parecer ser feita apenas por homens, brancos e héteros, segue funcionando. Como podemos dificultar que esse mecanismo siga da mesma forma?

Fale das mulheres que conhecemos os nomes e das que desapareceram nos meandros da história. Fale das descobertas, invenções e conquistas que foram feitas por mãos femininas. Fale delas. Espalhe o quanto o mundo tentou apagar o que foi realizado por elas e, mesmo com tudo a seu favor, nunca conseguiu por completo. Celebre a coragem das que abriram as portas para todas. Crie narrativas para preencher as lacunas ficcionais de séculos de obras em que mulheres eram só musas. Fazer isso não é buscar apagar as contribuições dos homens, é apenas uma tentativa de visibilizar o que deixou e ainda deixa de ser visto por causa da dominação masculina e branca.

Texto publicado originalmente na plataforma Medium

<https://medium.com/fale-com-el-as-e-sobre-el-as/fale-delas-30eb21b29093>



Sam Maggs

ONDE ESTÃO AS MULHERES NAS NOSSAS REFERÊNCIAS?

Thais Campolina

Quantas mulheres nomeiam ruas, parques, avenidas, praças e viadutos na sua cidade? Quantos desses nomes você consegue lembrar sem esforço?

Moro em Belo Horizonte há alguns anos e consegui pensar na Avenida Tereza Cristina, na rua Stela de Souza, no viaduto Henriqueta Lisboa e em bairros com nomes de mulheres da religião, como Santa Tereza e Santa Efigênia. Todos os primeiros nomes que vieram na minha mente eram masculinos, como Afonso Pena, Bias Fortes, Augusto de Lima, Cristiano Machado, Silviano Brandão e Raul Soares.

A dificuldade que tive de lembrar nomes de mulheres ao pensar na ruas, avenidas e viadutos da minha cidade não se deu por eu conhecer pouco daqui ou por mero esquecimento, aconteceu porque elas são minoria. Apenas 16% das ruas da cidade de São Paulo têm nomes de mulheres. Uma pesquisa feita na Espanha em 2007 apontou que apenas 5% das ruas de lá tinham nomes femininos. Já na França, um levantamento feito pelo grupo feminista “Osez le Féminisme!” apontou que apenas 2,6% das ruas parisienses homenageavam mulheres notáveis.

A matéria “Nomes de rua dizem mais sobre o Brasil que você pensa” do Nexo afirma que nas rodovias, um tipo de logradouro que exige bem mais investimento, os nomes masculinos dominam com 98% e que ao analisar os trinta nomes femininos de ruas mais populares do Brasil, somente quatro não eram de religiosas. Já entre os trinta nomes populares masculinos, dezesseis não faziam referência à religião.

Os nomes dos logradouros são uma amostra do apagamento das mulheres como referências, das relações de poder e das forças envolvidas nas decisões políticas. Além da ausência de mulheres e pessoas negras, no geral, vemos também a manutenção de nomes de bandeirantes, que dizimaram indígenas, e de torturadores e ditadores.

Os nomes presentes no espaço público são, em peso, masculinos. Percebe-se como eles são escolhidos de acordo com uma narrativa que privilegia a elite, composta principalmente por homens brancos, e seus ideais da época. Santas, mães e esposas são bem presentes entre as poucas homenageadas por representarem o ideal de mulher que eles apoiam. Nossas referências não

são necessariamente nomes de ruas, mas elas são parte de um todo machista, racista e elitista. Um todo que nos influencia. Afinal, quem são as nossas referências? Gandhi, Nelson Mandela, John Lennon, Einstein, Tiradentes, Che Guevara, Jesus, Marx, Zumbi e diversos outros nomes masculinos são lembrados toda vez que fazem essa pergunta. Quando lembram de mulheres, falam a maioria das vezes de santas, mães e avós. As nossas referências podem não ser as mesmas dos nomes das ruas, mas ainda reproduzem a mesma lógica de que o espaço público é deles.

A maioria das pessoas cresce sem pensar que a ausência de nomes de mulheres na história é fruto da falta de oportunidades dadas a elas e da invisibilidade de seus feitos. Apesar do machismo ter negado educação para tantas, ainda assim muitas conseguiram ser escritoras, artistas, cientistas, fazer descobertas e lutar por melhorias. Principalmente no século XIX e XX, mas não só.

Conhecer e divulgar nomes de mulheres que fizeram parte da história, mas que são constantemente esquecidas, é importante porque as crianças que crescem sem essas referências acabam acreditando que o papel da mulher é o de subalterna. Isso prejudica a autoestima das meninas e faz ambos os gêneros acreditarem que elas são menos capazes que eles.

Se os nomes que as crianças conhecem como inteligentes, marcantes, desbravadores e criadores são só de homens, as meninas nunca acharão que são boas o suficiente, enquanto os meninos seguirão acreditando que eles podem chegar lá. Se elas recebem menos

estímulos que meninos para conhecerem coisas novas e para determinadas áreas, elas são afastadas dessas possibilidades. Uma pesquisa, publicada na Science, afirma que meninas, a partir dos seis anos, têm dificuldade de acreditar que são brilhantes, apesar de achar isso dos meninos. Outra pesquisa apresenta a informação de que professores dão notas melhores para meninas se eles não sabem que elas são meninas. Ambos estudos mostram como os estereótipos de gênero influenciam na vida e na autoestima delas.

Já na infância encontramos obstáculos específicos do nosso gênero e somos, desde muito novas, ensinadas a duvidar de nós mesmas. Uma dúvida que carrega em seu cerne o medo de falhar e acabar servindo como uma prova de que nosso gênero não é bom em algo.

Com a internet e tantas mulheres falando sobre representatividade, autoestima e machismo, surgiu uma necessidade e curiosidade coletiva por conhecer mais histórias de mulheres. As italianas Elena Favilli e Francesca Cavallo perceberam isso e reuniram no livro “Histórias de ninar para garotas rebeldes” uma centena de nomes admiráveis de diversas áreas de atuação.

A obra foi idealizada por elas, mas só virou realidade por causa de uma campanha de financiamento coletivo. “Histórias de ninar para garotas rebeldes” foi o livro que arrecadou o maior valor na história do financiamento coletivo e contou com apoiadores de mais de 70 países. Esse recorde mostra que as pessoas têm percebido a importância de tirar a cortina da invisibilidade da história das mulheres e que muitos sentem falta de conhecer

mulheres incríveis.

Rainhas, atletas, cientistas, ativistas, escritoras, artistas e até piratas e espiãs recheiam as páginas da obra. Cada nome tem sua história e feitos contada começando com um “era uma vez”, num tom que aproxima o público infantil. Além dos textos, há também a participação de ilustradoras de diversos países.

Um livro encantador que, na minha opinião, peca apenas no título. As histórias contidas nele servem para ninar crianças rebeldes, não só meninas. Sei que meninas são as maiores interessadas

numa obra que fortalece a autoestima delas, da intenção das autoras do livro ser para todas as crianças e que há muitos meninos tendo contato com a obra por iniciativa de seus pais, porém, um título como esse reforça a ideia de que há coisas para meninas e coisas para meninos e que conhecer a história de mulheres notáveis não é algo importante para eles, sendo que é essencial que eles também tenham referências femininas para crescerem vendo mulheres como iguais. Com esse título, pessoas pouco ligadas ao assunto podem deixar de ver essa obra como algo a presentear meninos, o que é uma pena.

Texto publicado originalmente na plataforma Medium

<https://tendr.com.br/onde-estao-as-mulheres-nas-nossas-referencias-3394c-3172cf7>

CONSELHO

Gabriel Henrique de Castro Souza

Um conselho: sempre escreva com a janela aberta. Afinal, escrever é ou não a maior das ilusões? A guerra evoluiu com a linguagem assim como a vida evoluiu com a luz. Não subestime a mais torpe das espécies, pois nada mais é do que um símbolo de ignorância.

Uma análise, por muitos dita não necessária, consiste na milagrosa condensação, compilação, por que não dizer, sistematização, das ideias, pensamentos, sentimentos e reflexões, através de uma estrutura pétrea, regular, onipresente e quase autônoma: a linguagem. Contemple o mundo elaborado através de medidas morfológicas e sintáticas, mas tenha cautela, ele pode enganar o mais nobre dos corações,

assim como pode deturpar o mais puro dos ideais. Tal constatação pode afirmar a mais concreta das teorias, assim como a mais perfeita das ideologias. Não que o ser humano seja cruel com tais construções, mas simplesmente iludido por uma deturpada razão de existir, derivada da culpa, transmitida quase de maneira congênita através de infinitas gerações. Tal culpa deriva da alienação dos sentim

entos que são perfeitos por natureza, tal como as construções geológicas. Tento descobrir o motivo pelo qual a linguagem foi criada. Se não foi para entregar de maneira bruta as construções de pensamento mais individuais para outrem, o qual devemos conhecer apenas

a imagem empírica, desconheço tal motivo. Como uma criança, o ser humano tenta modelar o mundo através de letras e números, mas se esquece de constatar a importância da verdadeira imagem, nada mais do que corporal, que o indivíduo deve transmitir. Ao enxergarmos o outro, vemos uma profusão de membros locomotores e vísceras que está longe de ser a verdadeira imagem do “Homo sapiens sapiens”.

Um sorriso, uma expressão de sofrimento, ou mesmo uma manifestação do mais profundo ódio transmitem uma carga, digamos, de energia, que o ser humano nunca será capaz de compreender, pois desde os primórdios, a linguagem foi o veículo responsável por usurpar a individualidade, este tão esquecido conceito que nos une uns aos outros. Pois, ao sermos individuais, abandonamos o mecanicismo do universo e enxergamos o outro como parte de nós, parte de um todo natural que linguagem alguma é

capaz de refletir. Até o dia de hoje, o maior vício existente é a tentativa, por muitas vezes comprovada, de reduzir tudo o que existe em elementos manipuláveis e palpáveis, sendo a linguagem a primeira de tais tentativas.

Veja como é tolo o ser humano: perdeu sua razão de existir e tal como uma máquina azeitada se sente o senhor do universo. Porém, não sou perfeito, pois além do conceito de perfeição não ser inerente a nós, admito que desconheço outro mecanismo mais eficaz do que a linguagem para transmitirmos nossa insatisfação com a existência. O conselho que dou à humanidade é traduzir nas letras, sempre que possível, a insatisfação com a realidade, porém faça tal tradução com a janela aberta para o local mais livre, mais natural e mais harmônico que possa existir. Atingirás tu, ser humano, aquilo a que alguns denominam de a insustentável leveza do ser, e que eu denomino de o início da vida propriamente dita.



SEÇÃO LITERÁRIA

SINFONIA DO CENTRO
Uma declaração de amor

RANDLE BRITO
Fotos: Priscila Cemis

1º MOVIMENTO

Uma lâmina de sol corta a garganta do asfalto,
Que jaz, negro e úmido da madrugada sobre a avenida.
Ônibus passam devagar em sinal de luto
E trabalhadores descem lentos por respeito ou sono.

Algumas lanchonetes já estão abertas,
E servem pingado, pão na chapa,
Vitamina de banana com aveia.

Janelas de apartamentos e salas comerciais vão sendo abertas,
E os cliques e clagues de fechaduras, o ranger dos gonzos das janelas,
Soam como sinos da Igreja de todos ao redor de ninguém.
Serventes, porteiros, estagiários, trocam de turno
E separam o pó e a água em cafeteiras elétricas.

Taxistas descem a Afonso Pena com putas sonolentas
Que, ao abrir dos carros, se contraem de um frio diferente ao que estão
acostumados.

Na Pampulha, eles ainda nem sabem o que está acontecendo.

SINFONIA DO CENTRO
Uma declaração de amor

MEIO – DIA

“Dentista, orçamento sem compromisso.”
“Mega acumulada.”
“Mata barata, mata formiga, é o giz chinês.”
“Foto na hora.”
“Celular, compro, vendo e troco.”
“”Selservis” 6 real.”
“Compro ouro e faço avaliação.”
“PEGA, PEGA, PEGA, LADRÃO!!!!”

SINFONIA DO CENTRO
Uma declaração de amor

E o moleque escorre pelas
quatro pistas
Os dois sinais abertos e
ele atravessa a Afonso
Pena.
Acelera em uma, recua em
outra, e se esquia de um
caminhão.

Com a corrente entre os
dedos, desce o quarteirão
fechado

Atravessa a Espírito Santo
e ainda na Carijós segue
em desbalada até virar
na Bahia e se esconder
debaixo do Viaduto de
Santa Tereza.

Daqui á pouco ele troca a
peça por pedra, primeiro
ele precisa recuperar o
fôlego.

Todas as veias da cidade
convergem para o centro.
Por isto, elas se entopem
e expelem em gritos de
buzinas e sirenes, suas
lamentações.

Carros de polícia avançam
o sinal, o SAMU sobe o
canteiro central e entra
pela contramão.

Guardas apitam
estridentes numa patética
tentativa de pôr ordem.

Donas de casas
embriagadas de ofertas
cambaleiam e trombam
umas com as outras nas
lojas da Paraná e da São
Paulo.

Todos se atordoam
apressados pelas faixas
de pedestres.

É como se a urgência
nos tornasse milhares de
moribundos

No último estertor febril
antes de fenecer.

E na Pampulha (metade
da Antônio Carlos
fechada...), eles já
imaginam o que pode
estar acontecendo.

MOLTO VIVACE

O pessoal dos cursos noturnos se mistura ao povo que volta prá casa. Gente entupida de café prá dar conta das aulas Se escora em gente entupida até os olhos de cansaço E sacolejam á cada freiada até desovarem em seus pontos.

Dos carros se ouvem boletins da CBN, músicas para a família, O melhor do bom gosto, o fino da MPB. Humorísticos, futebol e enquetes para os pais de família. E eles se vão em bandos porque, Quando a noite vem, uma outra fauna habita a cidade.

Os botecos fervem de conversas banais, Filosofia, política, mudanças de rumo na sociedade, São discutidas a sério no entorno das faculdades.

Meninas e meninos se olham de cima á baixo.

E bebem de pé cerveja quente na Guajajaras. Uma moça chora atravessado sem desligar o celular, Um casal sofre em silêncio, pelo amor em comum que perderam no olhar.

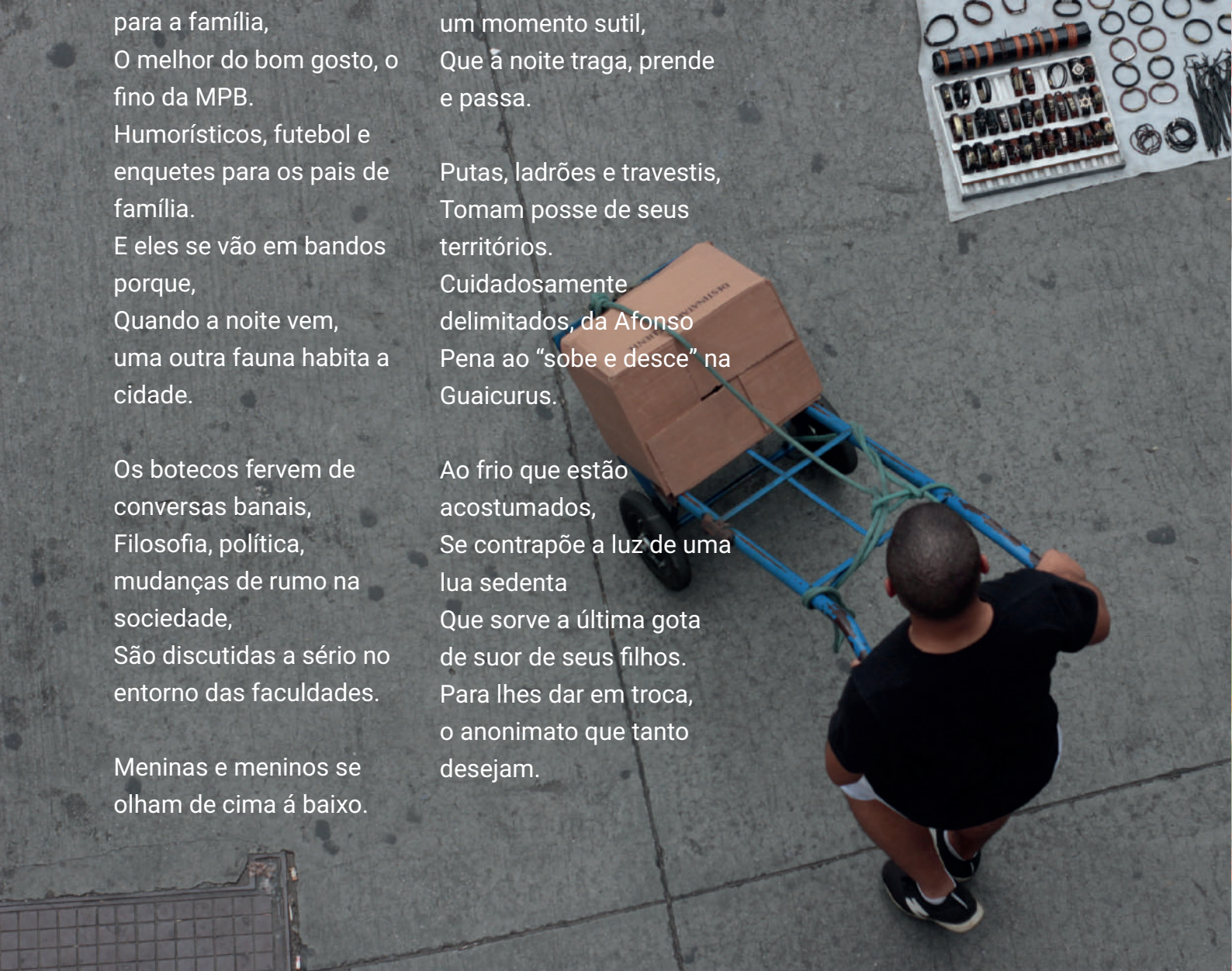
Os solitários se entregam às janelas da vida, E observam marcas de ladrilho como se fossem as imagens tatuadas de um momento sutil, Que á noite traga, prende e passa.

Putas, ladrões e travestis, Tomam posse de seus territórios. Cuidadosamente delimitados, da Afonso Pena ao “sobe e desce” na Guaicurus.

Ao frio que estão acostumados, Se contrapõe a luz de uma lua sedenta Que sorve a última gota de suor de seus filhos. Para lhes dar em troca, o anonimato que tanto desejam.

A lua se esconde entre as nuvens, E lhes deixa agir como bem entenderem. Mas, á chegada dos primeiros toques do sol, se arma. Para correr em vão pela vida, e em desespero rasgar o ventre e a garganta do asfalto.

Mas já e tarde. Até na Pampulha, eles sabem o que está acontecendo.



"Você quer saber algo novo
sobre o amor?"

Annie Hall

RANDLE BRITO

Ela sempre foi meio
delírio e sonho,
Ora de cabelos longos
pintados, noutra,
raspado à gilete de um
lado da cabeça, brincos
por todas as partes do
corpo,
Camisa do Judas Priest,
tatuagem na nuca com
letra da Nina Simone,
botas de camurça.
Agitada, confusa,
engraçada, enfim, um
convite ao desastre.

Um dia, copo de
conhaque na mão,
Cigarro derramando
cinza na outra, veio até
mim e perguntou:
"- Você quer saber algo
novo sobre o amor?"

Tímido, somente acenei
que sim.
Ao que ela jogou os
braços sobre meu
pescoço e me beijou.

Quente, longo e
profundamente.
Dando-me tempo de
ausentar de um lugar só
meu,

Até onde estavas.
Daí me tomou pela mão,
Dizendo aos amigos que
eu era seu namorado.
Não iria desmenti-la,
afinal,
Achei que era isso o algo
novo sobre o amor.

Mas ela vinha e se
ausentava,
E quando lhe pedia mais
um pouco
Sempre quando
acordava, havia um livro
na cabeceira da cama
Sobre a liberdade dos
seres e corpos.

Dia desses chegou
chorando,
Quando perguntei por
que, pediu silêncio, tirou
a roupa como quem
pede desculpas.
Se deitou sobre mim,
molhou todo meu rosto e
o pano do sofá.
E me rasgou em dois
pela manhã.

Disse que ia finalmente
contar o segredo,
Se ainda queria saber
algo novo sobre o amor.

Dessa vez não acenei,
disse sim.

Com a delicadeza dum
gato a brincar com o
alimento vivo,
Cravou dentes em meus
lábios e ronronou, antes
de ir embora
Sem olhar pra trás, sem
deixar vestígios;
"- Você só vai me amar
de verdade, quando me
perder."

venho repetindo para os
quatro ventos:
sou recém-nascida preta.

uma gestação de vinte e
um anos
de embranquecimento
até o parto:
um rompimento do meu
ciclo próprio de
ignorância e negação.

dói, rasga e das
cicatrices a gente
tira o que precisa para
escrever o não dito
escrever o apagado, o
esquecido.

saiba que, ao me olhar
negra no espelho
pela primeira vez,
entendi que antes
meu reflexo era racista.

ainda é, porque o ser
racista
não se acaba
como o dia acaba na
noite.

o ser racista só se
desconstrói
quando a gente se
despedaça.

meus pedaços eram
lágrimas
eram fios de cabelo aos
montes no ralo
do banheiro
era uma sensação
crescente de estar
sozinha.

e agora que eu sei, eu te
pergunto:
com quem eu falo?
pra quem eu peço que
parem?

parem de desvalorizar
nossa ancestralidade
parem de desmerecer
nossos heróis, como
zumbi
parem de nos elogiar
dizendo que
“não, você não é negra, é
só morena”
parem de nos cortar de
vagas
parem de contar as
mesmas histórias sobre
nós
parem de ignorar
racismo como crime.

é crime
é crime
é crime

parem de nos diminuir
parem de olhar pra nós
e ver só que vocês
acreditam que sabem
parem de sugar nossa
força-trabalho
enquanto nos escondem
nos bastidores
parem de repetir o ciclo
de ignorância
e violência
parem de nos matar
de nos estuprar
de nos silenciar
PAREM de se defender
quando eu te chamo de
racista.
vocês são.

nossa história é e você
não saiu ileso
então aceita
que dói mais
dói muito
mas só ferida aberta
consegue se curar
só é possível resolver
um problema que a
gente admite
ser problema
um problema que a
gente se dedica
a cuidar

então parem e pensem

no quanto é cansativo
exaustivo
e extremamente
cruel
e triste
perceber este silêncio
ensurdecador.
a gente não fala de raça
como deveria.

ainda assim, como maya,
do vazio
do medo
da dor
a gente se levanta
porque a luta não pode
parar.

parem e pensem

é em vocês que a
#consciêncianegra
precisa amanhecer hoje
e em todos os dias que
virão.

O Deus mais bonito tem o
nome de pai da noite.
Ele existia antes do tempo,
além do existir.
Infinito como são os deu-
ses, vaidoso, dono do
manto das estrelas. Mas
tímido.

Cá nas bandas da Terra,
ele nos deixa um mistério;
Sua manifestação é a lua,
Que os antigos dizem ser
o olho do Deus sobre os
vivos.

Mas, se a lua é a visão do
Deus, ele é ciclope?
Ele ficou cego dum olho?
Ou ele é egoísta,
E só nos mostra o que quer,
quando quer, após muita
súplica?

Seria esse Deus, o pai da
noite, uma mulher?

Eu vi o amor se esvaindo
De manhã bem cedo,
Num filete de sangue.
Eu vi o amor se iludindo
Com falsas promessas,
Um meio sorriso e adeus.
Eu vi o amor de perto.
Mas por que?,
Nunca vi o amor chegando?

Eu vi o amor uivando
A correr pelos campos.
Cego, nu, em desespero.
Eu vi o amor feito a besta,
Dilacerando a carne de
inocentes
Sob a luz da lua.
Eu vi o amor de uma forma
tua.
Mas porque,
Nunca vi o amor chegando?

Eu vi o amor exausto
Após saciar sua fome,
Pedindo colo.
Eu vi o amor descansar,
Senti a sombra de teu vulto
Ouvi dar duas voltas na
chave.
Eu vi o amor em paz.
Mas porque,
Nunca vi o amor chegando?

Lá depois da Zona Norte
Num dos bailes da cidade
Pros lados de Venda Nova
Onde ia a mocidade
Aconteceu uma parada
Dessas bem assombrada
Pra muitos é novidade

E esse estardalhaço
Foi falado na TV
Rádio, fofoca, jornal
'té música chegou ter
Nos anos noventa foi
Do chifre que nem de boi
Que beagá queria saber

Ess'é uma lenda urbana
Daqui de Bel'Orizante
Que nem essa que contei
Sei que tem outras aos montes:
A loira do cemitério...
... mas esse é outro mistério
Deixo pra que outro conte

Mas a moça se assustou
Com a queda do chapéu
O rapaz enlouqueceu
Levou suas mão pro céu
A moça então gritou
O baile todo parou
Foi um grande escarcéu

O moço tinha dois chifres

Saiu do trabalho às 18 horas, mas era dia. O centro de Belo Horizonte estava muito movimentado.

Embora detestasse o horário de verão, Aurélio gostava de observar o céu claro após o expediente. O fluxo intenso de automóveis e pessoas, assim como a poluição sonora, não o impediam de contemplar cada detalhe do ambiente urbano em volta. Gostava de olhar os prédios enfileirados, o trânsito caótico, as expressões faciais e gestuais das pessoas. “Eu devia ser fotógrafo em vez de trabalhar na frente de um computador o dia todo. A rua é meu lugar”, pensou.

Havia, no entanto, contas a pagar. A vontade de registrar momentos e paisagens de forma peculiar e ser bem remunerado por isso teria de aguardar a quitação de várias dívidas. Nem fotos amadoras ele tinha condições de tirar, pois seu telefone fora roubado na semana anterior. Por enquanto só lhe restava observar.

Subiu a rua da Bahia. Atravessou a rua dos Goitacazes e parou no ponto de ônibus em que geralmente tomava sua condução para o bairro onde morava, no município de Contagem, há cerca de uma hora e meia dali. “Todos aqui parecem obedecer ao relógio como fanáticos religiosos o fazem diante de seus sacerdotes. Eu mesmo faço isso.” Estas e outras divagações de Aurélio foram interrompidas por um mendigo.

Era um homem magro, velho, corcunda, que vestia farrapos. Estava com os pés descalços, carregava um enorme saco de pano outrora branco e exalava um cheiro horrível, putrefato. Aurélio afastou-se dele e, com uma expressão de asco, disse:

- Só tenho o dinheiro da passagem.
- Não quero dinheiro — disse o idoso mendigo, que sorriu e mostrou seus poucos dentes.
- Quero outra coisa.
- O que quer? — perguntou Aurélio, sem disfarçar sua repugnância pelo interlocutor. As outras pessoas paradas no ponto olharam para ele.
- Quando encontrar o gênio, djinn ou... ele tem vários nomes... diga a ele que eu, o velho do saco, mandei você. Ele ficará feliz, você poderá ter o que quiser e eu poderei buscar minhas crianças. Aurélio franziu o cenho. O mendigo corcunda riu novamente, de forma medonha, e disse:
- O acordo tá fechado?
- Sim! Ta fechado — disse Aurélio, ansioso para se livrar daquela figura incômoda.

O mendigo passou por ele e pelos demais transeuntes sem lhes dirigir qualquer palavra e atravessou a avenida Augusto de Lima. Os demais transeuntes sequer

notaram a presença dele. “Cada um que aparece... como aquele cara fede.” O ônibus para o seu bairro chegou e parou. Aurélio foi o primeiro a entrar.

Pagou a passagem ao motorista e passou pela catraca. Viu que havia apenas um lugar disponível junto à janela na segunda fileira da esquerda, próxima à primeira porta de desembarque, situada no meio do veículo. No lugar junto ao corredor estava uma jovem de pele parda, olhos amendoados, longos cabelos pretos. Usava um vestido vermelho. “Que linda! Como ninguém sentou ao lado dela”, pensou Aurélio. Aproximou-se do lugar, sentiu um sensual perfume e pediu licença para se sentar. Ela concedeu. Após sentar, ele observou discretamente a garota: parecia ter uma pele macia, um sorriso hipnótico, um corpo perfeito. “Não a olhe como um abutre. Não a incomode”. Repentinamente, ela se dirigiu a ele com as seguintes palavras:

— Você não me incomoda. Sabe até onde esse ônibus vai?

— Ele sai do centro, passa pela via expressa, pela BR-040 e entra em um bairro de Contagem, próximo ao CEASA.

Os outros passageiros próximos a Aurélio olharam para ele. Ela sorriu e disse:

— Só você pode me ver! Mas é possível mudar isso!

— Como assim?

— Esse ônibus vai parar de funcionar quando chegarmos à BR. Ao sair, verá uma garrafa azul no chão e deverá abrí-la se quiser realizar o seu sonho de ser fotógrafo.

Ele ficou possesso ao perceber a capacidade de a jovem ler seus pensamentos.

Tentou não demonstrar o espanto e disse, com voz baixa:

— Para que devo abrí-la?

— Para libertar o gênio. Ou djinn se preferir. Ele tem esses e outros nomes. Mas tome cuidado: ele sempre pede algo em troca.

— O que ele pede... geralmente?

— Não posso te dizer mais nada pro meu próprio bem. Mas seja cuidadoso e aproveite a maior oportunidade de sua vida.

“Primeiro vejo um mendigo monstruoso e fedorento. Agora encontro essa mulher linda e perfumada. Estou enlouquecendo...”

— Obrigada por me chamar de linda — disse a misteriosa jovem, interrompendo os pensamentos de Aurélio. — E não, você não está enlouquecendo. Eles, os demais, que nada veem. Recusam-se a sentar a seu lado porque falou e gesticulou sozinho. Mas você terá minha companhia até o local em que o ônibus quebrará.

Aurélio ficou calado. O ônibus parou algumas vezes e ninguém se sentou ao lado dele.

Algum tempo depois, ele não se conteve, olhou para a jovem e perguntou:

— Qual seu nome?

— Vai saber na hora oportuna. Eu prometo.

—Mas...

— Eu prometo — disse ela, com firmeza.

Passados cinco minutos, o veículo ingressou na BR-040. Atravessou um viaduto e foi para o acostamento. Parou próximo a um ponto repleto de passageiros e assim permaneceu por vários minutos. Uma passageira, sentada a frente de Aurélio, gritou:

— Bora, motorista! Todo mundo quer chegar em casa!

O condutor não respondeu. Outros passageiros se exaltaram e disseram as mesmas palavras que a primeira. A jovem misteriosa aproximou-se de Aurélio e disse em seu ouvido:

— Ele quebrou e vocês serão avisados.

As três portas do veículo foram abertas. O motorista se aproximou da catraca e bradou:

— O carro quebrou! Todo mundo descendo!

Aurélio viu todos descerem. Alguns se demonstraram irritados abertamente; outros apenas suspiraram. A jovem de vermelho segurou a mão do homem que desejava ser fotógrafo e falou:

— Prazer em conhecê-lo, homem que vê.

— O prazer é meu...

Ela desaparecera. Contrariado, ele se levantou e saiu do ônibus pela porta do meio. Era noite e após dar os primeiros passos, tropeçou em algo. Olhou para baixo. Viu uma garrafa azul lacrada.

Espantou-se. Pegou o objeto, afastou-se da turba próxima ao ônibus defeituoso e duvidou da própria sanidade. “ Meu telefone foi roubado. Eu devia ficar perto de todos para pegar o ônibus, mas estou aqui, acreditando nessa história.” Desenroscou a tampa da garrafa com dificuldade e, ao terminar, foi empurrado para trás com um forte impacto. Viu uma fumaça avermelhada sair do recipiente para então adensar-se. Minutos depois, Aurélio estava diante de um homem musculoso, vermelho, com cabelos pretos trançados para trás, olhos de fogo e um charuto na boca. Olhou para o interlocutor, esboçou um sorriso sinistro e, com o charuto entre os dentes, disse:

— Maldito seja quem me prendeu. Contudo, você me soltou e podemos negociar. Quem é e o que quer?

Aurélio se amedrontou. Lembrou-se do mendigo corcunda que carregava um grande saco na rua da Bahia. Respondeu:

— Meu nome é Aurélio e... o velho do saco me enviou.

O gênio tirou o charuto da boca. Deu uma baforada e disse:

— Então você é o homem que vê! Aquele inútil finalmente prestou para algo. Faça dois pedidos!

“Dois desejos”, pensou Aurélio. Podia pedir qualquer coisa, mas uma ideia fixa tomava sua mente. Submetido a ela, ele disse:

— Quero ser o melhor e mais famoso fotógrafo deste país e namorar a mulher de vermelho que estava comigo até eu te encontrar. Todos devem vê-la.

— Você fez três pedidos e atendo dois. No entanto, libertou-me daquela prisão — disse o djinn, que olhou para a garrafa azul. Por isso abrirei uma exceção.

Aurélio sorriu. O gênio, contudo, disse:

— Vamos negociar esses pedidos. Antes de eu realiza-los você terá de cumprir duas ordens minhas. Está pronto?

— Estou — respondeu Aurélio, sem hesitar.

O djinn, com voz grave, ordenou:

— Tire suas roupas e corra até o outro lado da rodovia, de forma que a multidão te veja!

Aurélio ficou surpreso com aquela ordem. Seu rosto foi tomado por pavor e ele, colérico, indagou:

— Por que isso? Você enlouqueceu? Podem me espancar ou amarrar até a chegada da polícia!

— Cumpra as minhas ordens! Você terá dinheiro, fama, sua profissão e estará com uma bela mulher.

— Não vou fazer isso!

— Sem problemas.

O gênio começou a se afastar, enquanto Aurélio fechou os olhos. Pensou na família, nas dívidas, em seu sonho, na misteriosa mulher que conhecera. “Poderei ajuda-los quando eu me tornar fotógrafo. Que se dane!” Gritou para o interlocutor:

— Vou te obedecer! Cumpra sua parte também!

Sem refletir, o homem que vê tirou a camisa, as demais peças de roupa, despiu-se completamente. Viu uma espessa fumaça avermelhada atravessar a via, correu no mesmo sentido. Enquanto atravessava a primeira mão, ouviu os seguintes gritos:

— Tem um cara correndo na estrada!

— É um doido! Alguém chame a polícia!

Aurélio continuou a correr. “Serei um grande fotógrafo e é isso o que importa.” Sentiu o asfalto aquecer os pés, o vento fustigar a pele. Pensou na moça que em breve namoraria — na voz, no sorriso, no corpo dela. Enrijeceu-se. Viu o gênio do outro lado da via enquanto passava pelo canteiro central. “Vou atravessar essa mão e minha vida vai mudar.” Pisou novamente no asfalto, sem prestar atenção. Sentiu a sola do pé direito afundar uma pedra em si e dor, muita dor. Mancou, ouviu uma buzina. Olhou para direita e foi atropelado. Um Vectra preto arremessou Aurélio para longe. O corpo bateu violentamente contra o asfalto e não conseguiu se levantar. Ouviu o cantar dos

pneus, a partida em alta velocidade do veículo responsável por aquela enorme dor. Sentiu outros carros se desviarem dele sem socorrê-lo. Olhou para cima com dificuldade. Viu o gênio se aproximar.

O djinn fumou longamente e soltou a fumaça em Aurélio. Olhou para o ferido com desprezo e disse:

— Que seus desejos se cumpram!

O ser vermelho desapareceu. Aurélio, por outro lado, viu-se vestido, assim como visualizou a câmera profissional diante dele, esvaçada no asfalto. Um minuto depois, ambulâncias chegaram para resgatá-lo e uma multidão se aproximou. Os paramédicos aproximaram-se dele, efetuaram os primeiros socorros. Um deles disse:

— Caramba! É Aurélio Duarte, o maior fotógrafo do Brasil! Sou fã dele!

— Vamos salvá-lo. Coloque-o na maca enquanto providencio o colar cervical.

“Não acredito! Estou delirando! É verdade mesmo?”, pensou o atropelado, tomado pela dor. Seus batimentos cardíacos aceleraram. Foi carregado para dentro da ambulância. Segundos depois, uma mulher entrou no veículo e se aproximou do ferido. Era a bela jovem com quem conversara no ônibus, antes daquele encontro inusitado. Um paramédico se dirigiu a ela:

— Pode acompanhá-lo, senhorita Ingrid!

Ela olhou para Aurélio, acariciou-lhe a face e disse:

— Você me trouxe, amor. Fez o djinn me trazer de volta. Por que não tomou cuidado?

O fotógrafo foi tomado pela emoção. Seus batimentos cardíacos aceleraram ainda mais. Sentiu ansiedade, dor, infarto. A equipe de resgate usou todos os recursos de que dispunha para mantê-lo vivo. Em vão. No dia seguinte, os maiores jornais do país veicularam como chamada de primeira

página as palavras abaixo:

MORRE AURÉLIO DUARTE

Mineiro, belorizontino, o maior fotógrafo do país foi atropelado em circunstâncias desconhecidas e não resistiu. A polícia procura o responsável, que ainda não foi encontrado

FIM

Era um desses dias tortos que a vida cola na gente feito criança com figurinha. Nenhuma esperança prum futuro artístico e/ou lucrativo, nem tão pouco uma lembrança inóspita a apertar a garganta pelo resto do dia. Os dois, então, não lá muito determinados, é verdade, resolveram encontrar-se à noite.

No bar pouco foi dito até a garrafa de cerveja chegar à mesa. Acendiam cigarro atrás do outro como se a fumaça fosse capaz de preencher a falta de palavras. E, constatando a ineficiência, abriram a boca, lutando para sobreviver a este penoso exercício de abastecer uma conversa vazia com palavras e termos que não a qualifiquem como tal. A hora extra não paga, a cara moda sustentável, a política num meme engraçadíssimo. Falavam com receio, por meio de piadas e risos, encobertos pelo medo de que a sinceridade pudesse - como ao decorrer da história ela mostrou ser extremamente eficaz - afastar o outro.

Ao terceiro bocejo, temendo o pior, foram pra casa. Pra dele, pra dela, não tenho certeza. No quarto havia quatro paredes e uma centena de lembranças mudas coladas nelas como todo quarto costuma ter. Deitaram na cama sem qualquer charme ou aparente volúpia e, enquanto uma boca cartesianamente procurava a outra no escuro, cada um retirava sua própria roupa. Contrariando todo o conteúdo de canções pós-adolescentes com voz e violão, o sexo ali se deu só pela carne.

Assim, com uma pele grudada na outra, foram éticos ao aguardar o orgasmo alheio. E ele veio, cada um no seu tempo, numa efêmera alforria. E para que nada também fosse interpretado de forma errada, mal o batimento cardíaco desacelerou os corpos já estavam em seus cantos distintos. Ela, encostada na janela, virou-se para pedir um cigarro e contou algo sobre sentir-se sozinha. Ele, passando o maço, sentiu vontade de chorar.

Depois dormiram os dois, nus; e no dia seguinte, já vestidos, nenhum deles parecia se lembrar.

Sabe, moça da recepção, esse nosso encontro é um dos momentos que eu mais temo na vida. Eu sei que você não tem nada a ver com isso, é só um formulário besta que eu tenho que preencher, são os ossos da burocracia, mas sente aqui meu coração como tá batendo rápido.

Tudo bem, o começo é tranquilo, “nome” (esse eu sei), “endereço”, “estado civil”, mas essa “profissão” aqui é que me pega. Moça, eu nem te conto como fico mal de responder isso aí. Aliás, conto sim. Eu não trabalho, moça, eu tenho 30 anos e não trabalho, não desses trabalhos que dá pra colocar nesse papel aí.

Tudo bem, eu posso colocar “estudante”, que é o que eu geralmente coloco, até aparece essa opção naqueles formulários que a gente tem que preencher na internet, mas “estudante” é um negócio que começa a pesar na minha idade, você concorda? Não que eu tenha nada contra os estudantes (eu mesma sendo uma, na verdade). Meus planos são até de passar a vida inteira estudando tudo, acho o máximo. Se tivesse aí nesse seu papel “vocação”, ao invés de “profissão” eu preencheria com o maior prazer. Mas o buraco é mais embaixo, né, moça?

Aí você me pergunta “mas o que é que você faz, como você preenche esse horário de ouro entre as 8 da manhã e as 6 da tarde?” Na verdade, moça, eu confesso que não preencho assim, todo esse horário não, mas pego um bocado dele, às vezes à noite, ou de madrugada, quando eu não consigo dormir. Mas você quer saber mesmo o que eu faço?

Moça, eu escrevo. Escrevo contos, crônicas, posts de blog, newsletters, diários, e mensagens de ânimo pra mim mesma. Eu posso até te dar o endereço de algumas dessas coisas aí pra provar. Quer assinar minha newsletter? Certo, eu paro, eu sei que eu fugi do assunto, não é isso que você quer ouvir (ou ler). Mas isso aí é verdade, moça, eu escrevo. Sabe aquela época em que você estava na alfabetização, reconhecendo com dificuldade aqueles símbolos estranhos? Era pra poder ler coisa que gente que nem eu faz.

Sabe Jane Austen, Virginia Woolf, Clarice Lispector? Elas também foram como eu, moça. Elas também escreviam, no aconchego das suas casas, suando pra achar as palavras e morrendo de felicidade quando acabavam o negócio direitinho. Eu faço do mesmo jeito, moça. Não, eu não estou dizendo que tenho o talento delas, eu só estou dizendo que um dia elas também “só” escreviam e nem viviam disso no começo (Jane Austen jamais viveu), mas as pessoas chamam essas mulheres de escritoras, porque eu não posso ser também, se eu faço o mesmo que elas?

Eu sei, eu sei, Drummond era funcionário público, Hemingway era jornalista e

Graciliano Ramos foi até prefeito. Eu sei que escrever não é desculpa pra não trabalhar assim, como todo mundo trabalha.

Mas, moça, diga a verdade, você gosta de ser moça da recepção? Você gostaria de ter a oportunidade de fazer outra coisa e continuar vivendo? Pois eu tenho, moça, não seria maluquice não fazer isso, se daqui a pouco vamos estar todos a sete palmos mesmo?

Sabe na fábula da cigarra e da formiga? Eu sou cigarra, moça, não consigo fugir de ser cigarra, e eu sei que eu posso fazer as pessoas felizes com o que eu produzo, mesmo que não seja nada que saia de um escritório ou de uma fábrica. O quê? Você achou muito bem feito quando a cigarra morre no final da fábula?

Então tá, moça, vamos falar de outra coisa então.

Eu sei, eu sei, é só um papel, e já tem gente esperando. Esse telefone tocando o tempo todo tá me deixando louca também, eu te entendo. Eu vou colocar qualquer coisa aqui, ninguém nem lê isso mesmo, né? É só formalidade, só porque sai no modelo.

Então lá vai, hein? 1-2-3 e já!

Profissão: (escritora?) estudante

Publicado originalmente em <https://medium.com/coxia-de-desconchavos/cara-moça-da-recepção-a8fe4d4e3be1>, em Jan 16, 2016

Centro Federal de Educação e Tecnologia



A X E N J I O P S Ç P O R I W Q M Y S
K J H L P O E S I A N F O P R M A X D
M K L O P S Ç H D I R M B K L P O U S
S K H N A S O P L H C O S T U R A K L
M O P Ü R A D E S I G N L Ç P I O O R
P L A M U R D A R T E C O M K L O P E
L T R S E D I T O R A B E S T R O L I S
M A I C H P R O F I S S Ã O P R E I M O
A S F R E S I S T Ê N C I A K O L I P O
I O L T R O E D I Ç Ã O R S P O N T I R
U I R E C O N S T R U Ç Õ E S F A M P
J U A R T E I M A C H I S Z X H Ã K O I
C U L T U R A M O L S I D E T A M O R
J A C R P O R T N G U A L K P O R T S
B E L O H O R I Z O N T E N H U M Ç P
E G S R A T V U R E N S A I O N U M I
E S T R A N M B R O S F Ó L I D O M E
A R I F I C A N D P O R T O N C I L R T
M O R A N D F O R U A A S C O I P T R
D O R T M C R Í T I C A M A O M F O P
M O M E N T A N T O S V E R B S O S M